

40 METROS ABAIXO DO FUNDO DO ATLÂNTICO, “LATTI”, JACK THE RIPPER E OLISSIPO¹

MARIA DA CONCEIÇÃO DUARTE PEREIRA*

Intróito

Pois é, com a graça do *Altíssimo*, estamos prestes a iniciar mais uma andança! Das fabulosas que, uma vez por ano, somos sortudos por poder fazer. E a deste ano prometia *ser de arromba!*

Por duas razões básicas e fundamentais: primeiro, porque íamos rever *Londres*, onde havíamos estado pela primeira vez quatro anos antes da viragem do milénio. Segundo, porque íamos atravessar o *Eurotúnel*, essa tão fantástica quanto assustadora obra de engenharia, com os seus cinquenta quilómetros de comprimento, trinta e nove dos quais debaixo do mar e a uma profundidade média de 40 metros depois do solo do *Atlântico*.

Íríamos no *Le Shuttle*, uma espécie de mega *transfer* que transporta viaturas ligeiras e autocarros e faz a travessia entre *Calais*, na *França*, e *Folkestone*, no *Reino Unido*.

4 de Agosto, Sábado

A primeira coisa que constatámos, com agrado, é que o motorista já nos era familiar. (...) *extrema simpatia e cordialidade, com um sorriso cativante por trás de um farfalhado bigode quase à la Groucho Marx.* (...) ²Há um par de ano que o havíamos conhecido, quando nos levou, de forma segura e irrepreensível, até terras alsacianas e checas. No que concerne à guia, era uma estreia connosco. Nova, na casa dos trinta, o cabelo estava apanhado num carrapito ao alto e vestia uma rodada saia enfeitada de verdes e lilases arabescos que lhe roçava a canela da perna. O esguio torso estava coberto com uma simples *t-shirt* lilás, por cima da qual se via um sobrecamisa *beije* escuro. Os pés estavam cobertos por uma sabrinas douradas e das orelhas pendiam grandes brincos, semelhantes a batentes de porta. Quanto aos acompanhantes, não vimos caras familiares. Pelo menos de início, uma vez que ainda faltavam os restantes, que a nós se juntariam em *Coimbra*. Assim à primeira vista, foi-nos dado constatar a presença de um casal de meia-idade, que se fazia acompanhar por duas descendentes na casa da pouca dezena de anos, eventualmente entre os dez e os doze. Ainda um par de primas já *entradotas*, louras *emprestadas*, que atrás de nós se vieram sentar, e, por sinal, connosco vieram a entrosar-se e, não raras vezes, a conviver e até solicitar inúmeras e diversas informações. Ficamo-nos por aqui, para já. Lá mais para diante voltaremos à descrição.

A primeira paragem foi pouco depois da passagem da fronteira, uma vez que eram já horas de almoço. Foi no pouco apelativo restaurante mesmo em frente ao supermercado *La Pedresina*, à saída de *Fuentes de Oñoro*. Comemos uma *paella*, seguida de um iogurte *Pascual*, desnatado e com macedónia de frutas. Pouco passava das três da tarde quando retomámos a viagem. Íamos na direcção de *Burgos*, onde, no *Hotel Ciudad de Burgos*, sito à *carretera Madrid-Irun*, km 2, íríamos pernoitar. E não foi agradável a visão que se nos deparou pela frente.

Chegámos por volta das sete da tarde, e logo constatámos que ficava no meio de um descampado onde não se via viva alma, nem qualquer tipo de construção. Como o calor era sufocante, de imediato tomámos um retemperador banho, a que se seguiu uma bem amargosa surpresa. É que o ar condicionado do quarto estava avariado! Contactada e recepção do hotel, logo uma funcionária se disponibilizou para verificar o que se passava. Como a anomalia era local, propôs-nos a mudança de

* Funcionária Administrativa dos Serviços Centrais do Instituto Superior Politécnico de Viseu.

¹ Nome dado pelos romanos à cidade de *Lisboa*.

² In *Millenium* 32, pág. 14.

quarto, que aceitámos sem mais delongas. Passados estes percalços, descemos para jantar. Como entrada, serviram-nos um misto de várias iguarias. Presunto, salame, mortadela, rissóis, *calamares*, pequenos camarões fritos em polme, chouriço e morcela de arroz. Veio depois bife de *ternera* – vitela, com batatas fritas e salada de alface e tomate, que acompanhámos com pão e água. Após a refeição, e por via do quase inóspito local onde se localizava o hotel, nada mais nos restou do que dar uma volta pelos terrenos circundantes, por todos os lados delimitados por estradas de grande movimento. Acabámos por nos sentar no pouco aprazível bar do hotel, mas que tinha um agradável ar condicionado, onde tomámos um café e uma água fresca e aguardámos que fossem horas de recolher ao quarto. Recebeu-nos uma sufocante atmosfera, por via do reles ar condicionado que, disso, apenas o nome tinha. Mais não era do que um simplório ventilador. Ainda fizemos a já da praxe ceia da meia-noite, onde não faltou *cappuccino* e bolachas de aveia e coco. Escusado será dizer que foi uma noite em claro, uma *directa* como costuma dizer-se, tormentosa e quase infundável, onde não faltou a já anunciada sufocante canícula, complementada com uma repentina e inesperada pirexia, vulgo febre, de tempos a tempos atacada com efervescente paracetamol.

5 de Agosto, Domingo

Pela manhã bem cedo tomámos o pequeno-almoço, que incluiu café com leite, pão e *croissants* com manteiga e iogurte com macedónia de *tutti-frutti*. Seguimos depois viagem rumo a *Tours*, quase sempre acompanhados por uma verdejante paisagem montanhosa. O almoço foi na *Aquitaine*, a região do sudoeste de *França* que engloba cinco grandes departamentos: *Dordogne*, *Gironde*, *Landes*, *Lot-et-Garonne* e *Pyrénées Atlantiques*. Comemos uma sandes de atum, alface, tomate e maionese, em cuja etiqueta se lia: *baguette thon crudité*. Retomámos depois a viagem, para chegarmos ao nosso destino por volta das sete da tarde.

O hotel, sem ser de grandes luxos, era simpático e acolhedor. O jantar foi marcado para as oito horas, e, certamente por via da exiguidade do espaço, ocorreu num restaurante próximo, paredes-meias com a estação de caminho-de-ferro. Começámos com um saboroso creme de legumes, condimentado com natas, que degustámos com pedacinhos de estaladiço pão em baguete. Seguiu-se uma posta de salmão ao vapor, coberto com um esbranquiçado molho, devidamente acomodado numa cama de arroz de açafrão com legumes. Para sobremesa, deram-nos uma generosa fatia de tarte de maçã feita com massa folhada. Depois de tão delicioso repasto, só nos restava dar uma valente caminhada para colaborar na digestão. Como já conhecíamos a cidade, decidimos caminhar calmamente até à já nossa conhecida *Place Plumereau*, para, uma vez mais, apreciarmos os magníficos e medievais edifícios *Tudor* que a circundam. O centro está pejado de mesas e cadeiras, propriedade dos inúmeros *pubs*, bares e restaurantes que a povoam. Antes, sempre em passo lento, fomos caminhando pelo parque de frondosas árvores até termos o *Grand Théâtre de Tours* à nossa direita, a que se seguiu uma rua de lojas de todo o tipo de artigos. Quando demos conta, tínhamos a *Basílica de São Martinho – Basílique Saint-Martin de Tours* à nossa esquerda, edificada em estilo neo-bizantino, em cuja cripta jaz o corpo do santo. Mais uns quantos metros e fomos dar ao *Loire*, cujas águas correm revoltas sobre uma ponte de inúmeros arcos. Local aprazível, está apetrechado de bancos corridos, e, pelo que nos foi dado ver, bastante concorridos. Também por lá vimos um pequeno bar com esplanada, devidamente iluminado por fiadas de lâmpadas de miríades cores. Voltámos para trás, e, no número quarenta da esfuziante *Place Plumereau*, no *Café du Vieux Tours*, calmamente saboreámos um *cappuccino*, que nos foi servido com um *toffee* coberto de chocolate, nome pomposo para um simples caramelo. Já de saída, ainda nos tentámos ao *deitar o olho* aos gelados *Tutti Gusti*. Dali subimos à catedral, de estilo gótico flamejante e pináculos renascentistas, erigida no século quinze em honra de *Saint Gatien*. Para terminar, e antes do *recolher às boxes*, ainda demos uma espreitadela à estação de caminho-de-ferro, para coscuvilharmos algum *TGV* que por lá estivesse. Lamentavelmente, apenas vimos o comboio que se aprestava para partir à meia-noite menos sete minutos para *Irun*. Como ainda era cedo, bebemos uma *coca-cola light* tirada de uma das muitas máquinas que povoam a estação. Antes de dormir, e à laia de

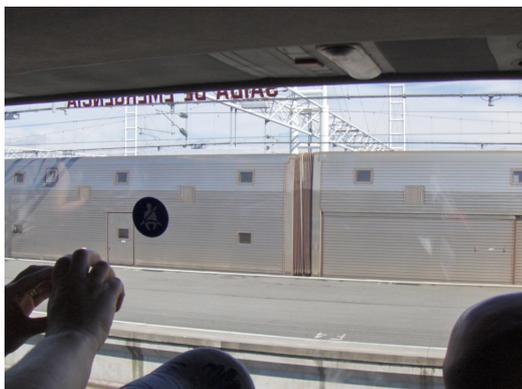
sossega, tomámos um cafezinho com leite e trincámos bolachas de coco e aveia e de *muesli* com amêndoa.

6 de Agosto, Segunda-Feira

Ao raiar da madrugada fomos acordados por um forte aguaceiro, que se fazia acompanhar de trovoadas. Pouco depois estávamos a tomar a primeira refeição do dia, iniciada com um iogurte de cereja a que se seguiram fatias de pão em baguete, ou não estivéssemos nós em *França*, generosamente barradas com manteiga *Président*. Saímos, ainda não eram oito da manhã, com uma chuva forte que teimava em esbarrar-se contra os vidros do nosso autocarro. Para férias, o cenário era pouco animador. Assim seguimos para o *Vale do Loire*. Por volta das dez horas estávamos a tomar um café, e, uma hora depois, cruzávamos *Paris*. Era meio-dia e meio quando parámos para o almoço. Foi na zona de *Assevillers*, região da *Picardie*. Escolhemos um pão *brioche*, quadrado, recheado com uma mistura de grossos pedaços de frango amalgamados numa pasta de caril e alface, denominada *sand poulet curry*, a que se seguiu uma pequena tarte de limão – *tartelette citron*. Os nervos começavam já a comprimir os músculos da parede do estômago e zonas circundantes. Estávamos a escassos momentos de realizar uma das mais fascinantes experiências das nossas vidas – a passagem do *Eurotúnel* sob o *Canal da Mancha*, que liga a *França* ao *Reino Unido*.

Chegámos a *Calais* por volta das três da tarde, e, de imediato, a nossa guia foi adquirir a vinheta, ou cartão, destinada a ser aposta no vidro do autocarro, onde claramente se lia a letra *O*. Como iríamos no comboio que partia às 16,40 horas, ainda houve tempo para dar uma volta pelas lojas do complexo comercial envolvente, à imagem e semelhança das lojas *free shop* de um qualquer aeroporto. Perfumes, cafés, vinhos, jornais e revistas e todo o tipo de produtos de mercearia e até medicamentos. Quando começámos a ouvir a chamada das viaturas com as letras *M* e *N*, aprestámo-nos a entrar para o autocarro, rumo ao *check in*, já artilhados com os respectivos documentos de identificação pessoal. A viatura seguia lentamente, quase a passo de caracol, presumindo nós que estaria a passar por uma espécie de *scanner* ou máquina de radiografias gigante, a qual ia esquadrinhando todas as reentrâncias da viatura. Posto isto, foi-nos pedido que nos apeássemos e entrássemos numa espécie de túnel com dois balcões, onde dois pouco simpáticos polícias nos iam coscuvilhando os *Bilhetes de Identidade*, após o que introduziam determinados dados num computador, eventualmente os números, o que, quase de imediato, fazia surgir no monitor uma enorme listagem de dados. Só depois nos deixaram seguir o nosso caminho de volta ao autocarro. Tudo estava bem até uma das nossas acompanhantes, de nacionalidade brasileira, ter exibido o seu documento de identificação. Porquanto o achara grande demais, decidiu *apará-lo* para melhor caber na carteira. Ao fim de muito ter explicado o porquê do seu acto, lá foi deixada seguir. Outro pormenor que aos agentes fez bastante confusão foi o facto de alguns passageiros, por via da idade, terem já *Bilhetes de Identidade* vitalícios. Parece que, por terras de *Sua Majestade*, esta prática não é adoptada. Enfim, vistos quase como seres *alienígenas*, lá nos deixaram seguir a todos! Retomada a marcha, ficámos a saber que, tanto rigor e controle, se fica a dever ao facto de o *Reino Unido* não ter assinado o acordo de *Schengen*³. Seguimos em frente, até que se nos deparou a linha férrea que nos iria levar ao nosso destino, bem como os enormes vagões, quais baleias gigantescas, em cujas entranhas iríamos penetrar.

³ Protocolo assinado entre países europeus, alusivo a uma política de imigração comum e controle de fronteiras.



Metálicos, colossais,
tinham umas pequenas
janelas dos lados.

Uma vez lá dentro, constatámos
que eram uma espécie
de carruagens inteiriças,
como se de uma descomunal
lagarta se tratasse.



À medida que os veículos iam sendo arrumados, ao centro descia uma porta basculante cortafogo que os separava por compartimentos, ladeada de duas outras que permitiam aos passageiros circular livremente por todo o comboio durante a travessia.



Iniciada a marcha, em *Francês* e em *Inglês* são difundidas todas as normas de segurança em vigor, bem como as saídas de emergência, em caso de acidente, e, ainda, o aviso de que, uma vez em solo britânico, a condução se faz pela direita. Apenas se sente um ligeiro estremezimento da carruagem, acompanhado de movimentos de vai-e-vem do autocarro, que está desligado mas engatado em primeira velocidade, por questões de segurança. Às páginas tantas, naturalmente porque vamos a descer, começam-nos os ouvidos a estalar e faz-se sentir uma sensação de ligeira surdez. Coisa de pouca monta! De quando em vez, víamos umas luzes que nos apareciam de forma regular. Como já havíamos lido algo acerca da construção deste mega túnel, sabíamos que é constituído por três galerias paralelas, duas delas ferroviárias e outra de menores dimensões. Esta serve de acesso e é utilizada por veículos pequenos e está ligada aos outros túneis por passagens transversais separadas por pouco mais de trezentos metros, de forma a permitir que seja feita a manutenção desta fantástica obra, e, em caso de incidente grave ou qualquer percalço, serve de saídas de emergência. Em jeito de experiência, colocámos o cronómetro do relógio em funcionamento logo que sentimos que o comboio iniciava a marcha, para o pararmos logo que vimos a luz do sol. 26 minutos, 58 segundos e 2 centésimos foi o resultado obtido.

Chegámos ao *Reino Unido* por *Folkestone* e pouco passava das dezoito horas quando entrámos em *Londres*. O cenário não era dos mais animadores, porquanto só tínhamos pela frente casas

mais ou menos degradadas e inúmeros restaurantes indianos, chineses e vietnamitas. Mas depressa nos vimos no coração de *Russell Square*, onde se situava o nosso hotel. Enorme, para não dizer descomunal, era uma massa de betão em quadrado, com uma amálgama de quartos distribuídos pela estrutura. Quase nos parecia um formigueiro ou uma gigantesca colmeia.

O jantar começou com uma sopa, que mais não era do que uma água instantânea onde boiavam ervilhas, alguns legumes desidratados e pequenos pedaços de *bacon*. Veio depois um peito de frango com natas e cogumelos, que acompanhava com tiras de cenoura e ervilhas tortas *al dente*, que é como quem diz, *entaladas* ao vapor. A maioria dos nossos companheiros não lhes pôs a boca, argumentando que estavam *duras e cruas* (!). Para sobremesa, serviram-nos uma generosa fatia de aldrabado *tiramissu*⁴. Saímos depois para o nosso primeiro passeio londrino. Pelos jardins de *Russell Square* – *Russell Square Gardens* descemos a *Woburn Place* para acedermos à *Southampton Row*. Virámos depois à esquerda para a *New Oxford Street*, a que se seguiu a *Oxford Street*. Novamente pela esquerda, contornámos a estação de metro de *Oxford Circus* e fomos dar à *Regent Street*, que muito nos espantou por estar totalmente livre de trânsito. Só depois percebemos que, mais adiante, junto a *Piccadilly*, estavam equipas de trabalhadores a restaurar o piso de alcatrão, mesmo em frente ao *Cheers*, que este ano celebra dez anos de existência na capital londrina, e onde nos podemos divertir, comer e beber até às três da manhã.



Estamos agora em *Piccadilly Circus*, onde se juntam a *Regent Street*, a *Shaftesbury Avenue*, *Piccadilly* e *Haymarket*, uma das zonas mais movimentadas da cidade, profusamente iluminada pelos milhares de luzes néon dos enormes *placards* publicitários colocados nas fachadas superiores dos prédios.

Mesmo em frente, no *Criterion Theatre*, um monumental cartaz publicita a peça *Os 39 Degraus* – *The 39 Steps*, que já *Hitchcock* levava magistralmente ao grande ecrã. Seguindo



vamos dar ao *Trocadero*, e, um pouco mais acima, estamos no *Prince of Wales Theatre* que leva à cena *Mamma Mia!* Como já apetecia, fomos ao *Burger King* buscar um *latte*⁵. Encostados às grades que delimitam os passeios e os separam das movimentadíssimas ruas, fomos sorvendo a deliciosa bebida enquanto íamos apreciando as dezenas de transeuntes que por ali circulavam. Por volta das onze e meia, fizemos o

percurso inverso e regressámos ao hotel. Para *fechar com chave de ouro*, tomámos um retemperador banho e ainda bebemos um chá com leite e comemos bolachas de aveia e coco.

7 de Agosto, Terça-Feira

O dia amanhecera claro e sem nuvens, mesmo óptimo para a visita da cidade com guia local que nos aprestávamos a iniciar. Antes, ao pequeno-almoço, comemos torradas e pão com manteiga e bebemos café com leite. À hora marcada lá estava o nosso guia, que por acaso já nos havia

⁴ Iguaria italiana feita com queijo *marcarpone*, palitos *la reine*, gemas de ovos, açúcar e *amaretto*, típico licor de amêndoa amarga.

⁵ *Latte* ou *café latte* é um café duplo com leite vaporizado, que, para completar e guarnecer, leva espuma de leite.

acompanhado em 1996, aquando do circuito que havíamos feito a *Inglaterra e Escócia*, e que sabíamos ser competente e de fino trato. Alto, calvo, era homem para cinquenta e pouco anos e expressava-se num impecável *Português com açúcar*, que é como quem diz, com sotaque brasileiro. De imediato iniciámos o périplo, uma vez que, a partir das onze e um quarto e até ao meio-dia e um quarto, tínhamos encontro marcado no *Palácio de Buckingham – Buckingham Palace* para assistir ao render da guarda. Pelo menos tentar *dar uma espreitadela*, ainda que furtiva, por via dos (certamente) muitos milhares de almas que já por lá estariam pespegadas em busca de um bom local para a coscuvilha.



Assim, durante um bom par de horas, visitámos locais tão díspares quanto magníficos. Depressa nos vimos em *Trafalgar Square*, com a magnífica *Coluna de Nelson – Nelson's Column*, local escolhido pelos londrinos para todo o tipo de celebração e comemoração.

Mesmo em frente, a *National Gallery*, alberga uma das maiores colecções do mundo de pintura. *Pentecostes*, de *Giotto* e *Os Girassóis*, de *Van Gogh*, são apenas dois dos milhares de exemplos.



Não muito distante lá estava *Piccadilly Circus*, com a sua tão emblemática estátua de *Eros* que encima uma espécie de fonte circular, à laia de pedestal.

Logo seguido pelo *Trocadero*, local de *poiso* dos consumistas e amantes da diversão, nomeadamente dos jogos de vídeo.





Quando damos conta estamos em frente ao *Horse Guards*, em *Whitethall*, onde também se pode assistir ao render da guarda de segunda a sábado às onze da manhã e aos domingos às dez. Aqui vimos sentinelas montadas em cavalos, que envergam estranhos chapéus de pêlo e simbolicamente guardam o quartel-general da *Guarda Real*. É claro que não resistimos à fotografia da praxe!...

Mesmo ao lado, ainda esticámos o pescoço para espreitar o número dez de *Downing Street*, totalmente oculto por altas

e grossas grades de ferro e fortemente guardado e protegido, não vá o diabo tecê-las!...

Não muito longe, o cenotáfio evoca o *Soldado Desconhecido*, com a singela inscrição *The Glorious Dead*. É aqui que, no dia 11 de Novembro, se evoca o armistício da *I Guerra Mundial*,

assinado em França nesse mesmo dia do ano de 1918, com paradas de veteranos, coroas de vermelhas papoilas e a presença da rainha.



Logo seguido do monumento em bronze que presta homenagem às mulheres que serviram na *II Guerra Mundial*, por via dos relevantes e imprescindíveis serviços prestados. É um monumento em bronze, onde pode ler-se *The Women of World War II*. De construção recente, foi erigido com donativos recolhidos para o efeito e inaugurado pela rainha Isabel II – *Elizabeth II* no dia 9 de Julho de 2005.





Logo depois as *Casas do Parlamento – Houses of Parliament*, de arquitectura neogótica, com o seu contíguo, imponente e majestoso *Big Ben*, o relógio mais famoso do mundo, que deve o nome ao grande sino que se encontra no interior e é responsável pelo magnífico som que dele sai, para que todos saibam que horas são.



Mesmo ao lado a *Abadia de Westminster – Westminster Abbey* – em estilo gótico flamejante, que acolhe cerimónias reais desde 1308 e foi mandada erigir por *Edward the Confessor – Eduardo, o Confessor*, entre 1045 e 1050. Aqui se encontra o trono da coroação, conservado numa das capelas. É panteão de homens importantes do reino, designadamente *Charles Darwin, David Livingstone, Isaac Newton, Charles Dickens, Rudyard Kipling, Laurence Olivier* e *Geoffrey Chaucer*. Como iam sendo horas, fomos andando até à *Buckingham Palace Road*, onde nos apeámos. Aqui nos foi dado tempo para que, da melhor maneira possível, pudéssemos dar uma espreitadela ao palácio e tentar assistir ao render da guarda que já começara. Hoje estava a cargo de militares da *Jamaica*, que, pasme-se, ao som da magnífica banda sonora de *Pirates of the Caribbean*, iam evoluindo pelo recinto perante o olhar embasbacado dos milhares e milhares de curiosos que por ali atulhavam todas as nesgas de espaço. Para vermos alguma coisa, tivemos que *empinocar-nos* nos aguçados píncaros da base dos portões de ferro, ainda que por breves instantes. Mas foi giro ver quão alinhados e apurados estavam os *escurinhos* militares, como a eles se referiu o nosso guia. Não esqueçamos que eram jamaicanos! As filas para visitar o palácio, residência dos soberanos, eram monumentais. Os seus apartamentos apenas são visitados em Agosto, quando a família real se encontra de férias em *Balmoral*. Aqui está patente, desde 28 de Julho e até 25 de Setembro, uma exposição fotográfica alusiva ao casamento da actual monarca, denominada *A Royal Wedding, 20 November 1947*. Mesmo ao lado, na *Queen's Gallery* estão

expostos quadros da colecção privada da coroa britânica, uma das mais ricas do mundo. Este edifício tem a particularidade de ter sido construído com as pedras da capela da *Rainha Vitória*, destruída durante o *Blitz*.



Por toda a cidade a figura de referência é *Harry Potter*, o jovem mago que uma vez mais regressa às telas com uma nova aventura. Os autocarros *double deck* não são excepção.

Não podíamos esquecer o *Royal Albert Hall*, a mundialmente famosa sala de espectáculo que, para além dos inúmeros espectáculos, serve de cenários do *Proms*, tido como o maior festival mundial de música clássica.

Seguimos depois para *Covent Garden*, antiga horta do convento que estava dependente da *Abadia de Westminster* – *Westminster Abbey*. Foi em tempos mercado de produtos frescos, e hoje alberga lojas, artesanato, restaurantes, cafés. Possui uma belíssima galeria de arcadas e um mercado coberto feito de ferro e de vidro. Por lá se encontra uma espécie de arena para espectáculos

ao vivo, com bancos em volta, onde inúmeros e multifacetados artistas exibem a sua arte. De um dos lados está o *Museu do Teatro* – *Theatre Museum*, onde podemos ver fotografias, maquetas e acessórios de cena desde a época *Isabelina*, século XVII, até aos nossos dias. Também lá se encontra o *Museu dos Transportes de Londres* – *London Transport Museum*, que retrata a história dos transportes públicos da cidade. Foi-nos dado tempo livre para almoço, que escolhemos ser no *Ponti's*. Comemos uma deliciosa sandes *Parmigiana*, feita de um enorme pão redondo, torrado, generosamente recheado com frango e legumes ralados, onde se via alface, cenoura e aipo. Bebemos uma água fresca e, como sobremesa, escolhemos bolo de cenoura – *carrot cake*, com amêndoas e uma cobertura branca que estava mesmo *a rir-se para nós!*...



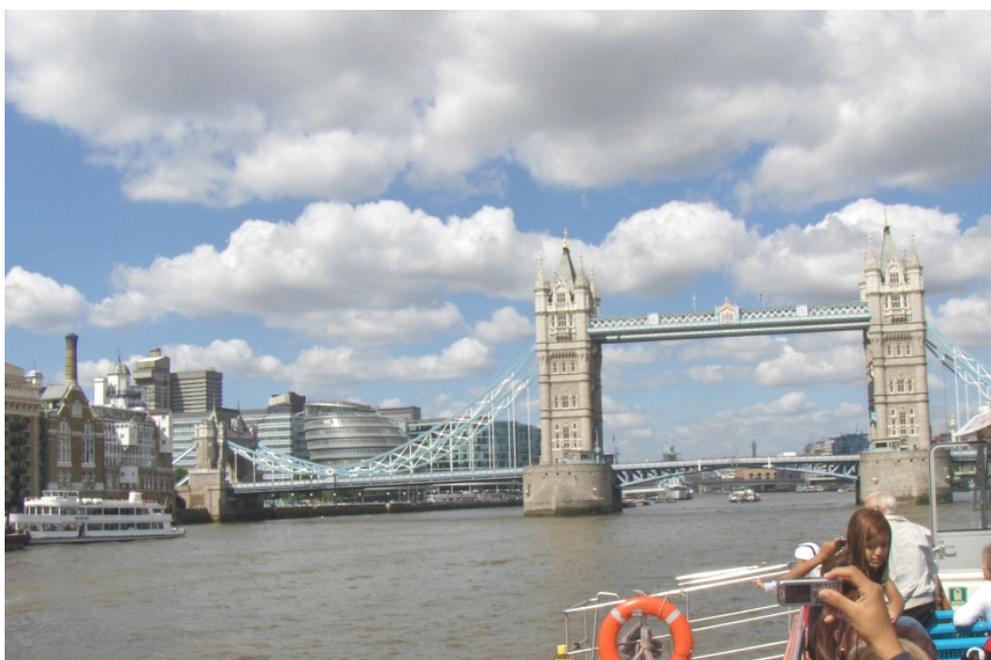
Continuando avistámos a *St. Martin-in-the-Fields*, igreja do século XVI em forma de templo clássico, que estava coberta para restauro. São famosos os seus concertos barrocos ao fim do dia e à luz de velas, bem como os grátis ao meio-dia.

Não podia faltar a *Torre de Londres – Tower of London* – mandada construir por *Guilherme, o Conquistador – William the Conqueror*, para assegurar o controlo do *Thames – Tamisa*. Serviu de



palácio e prisão, e *Ana Bolena – Ann Boleyn* e *Rudolph Hess* foram dos hóspedes mais famosos, entenda-se, prisioneiros. Foi aqui que a primeira *perdeu a cabeça*. É guardada pelos denominados *Yomen Warders*, mais conhecidos como *Beefeaters*, que envergam o tradicional traje *Tudor*. Aqui se encontram as ultra famosas jóias da coroa, bem como uma grande colecção de armas. A *Catedral de São Paulo – St. Paul's Cathedral* também estava no itinerário. Encerra tesouros do século XVIII e a sua cúpula, de 110 metros, é a maior depois de *S. Pedro*, em *Roma*. Foi uma das grandes preocupações de *Churchill*, que, aquando da *II Guerra Mundial*, mandou que fosse protegida do famigerado *Blitz*, pelo que, incólume no meio das ruínas da cidade, foi símbolo da tenacidade dos londrinos. Na cripta estão os túmulos de *Christopher Wren*, o grande arquitecto da cidade, e de

Lord Nelson, o herói almirante que faleceu na batalha de *Trafalgar*.



Não pudemos deixar de espreitar a *Tower Bridge* – símbolo de *Londres* que evoca a era vitoriana. À data, por via do grande poderio marítimo de *Inglaterra*, o tráfego no *Thames* era muito intenso. Deste modo, as suas pontes móveis erguiam-se para deixar passar os navios de grande porte. As duas torres neogóticas encerram um complexo sistema hidráulico, que faz mover os seus tabuleiros. Encerra ainda um museu que conta a sua história com maquetas e filmes.



Ainda nas margens do *Tamisa* – *Thames*, vimos o *Shakespeare's Globe* – reconstrução do teatro de madeira, sem tecto, reminiscência do tempo do dramaturgo. Também a *Millenium Bridge* – em frente à *Tate Modern*, ponte em aço inoxidável inaugurada em Junho de 2000 pela rainha, com 325 metros. Suspensa, começou a balançar tanto à passagem das primeiras pessoas que a atravessaram, que, à pressa, foi fechada por via do deboche da imprensa. Hoje, liga a *Tate Modern* à *City* em total segurança.

Recorta a paisagem a *British Airways London Eye*, a maior roda do mundo, que demora 40 minutos a completar uma volta e a subir a 135 metros de altura. Do cimo desfruta-se uma magnífica vista de *Londres* que, com bom tempo, alcança 40 quilómetros. Não podemos esquecer *Notting Hill*, cheio de juventude e estrelas da moda, com as suas casas georgianas nas zonas altas, ruas com casas de cor pastel nas encostas e bairros mais deteriorados a norte. No último fim-de-semana de Agosto, milhares desfilam no maior *Carnaval* de verão do mundo, onde a música e a gastronomia caribenha invade o local. Aqui se encontra o *Portobello Road Market*, imenso mercado ao Sábado, com bancas de legumes e frutas, paredes-meias com antiguidades e velharias, para gáudio dos amantes dos produtos usados. Por todo o lado se viam teatros que tinham em cena fantásticos e fabulosos espectáculos, desde peças de teatro a famosíssimos musicais. A saber: *Cambridge Theatre* – *Chicago*; *Her Majesty's Theatre* – *The Phantom of the Opera*; *Queen's Theatre* – *Les Misérables*; *Noël Coward Theatre* – *Avenue Q*; *Criterion Theatre* – *The 39 Steps*; *Phoenix Theatre* – *Blood Brothers*; *Comedy Theatre* – *Boieng Boeing*; *Apollo Victoria Theatre* – *Wicked: The Untold Story of the Witches of Oz*; *Aldwych Theatre* – *Dirty Dancing*; *Shaftesbury Theatre* – *Fame the Musical*; *Savoy Theatre* – *Fiddler on the Roof*; *Novello Theatre* – *The Dowsy Chaperone*, cuja última récita fora no dia 4 de Agosto e já se anuncia *Desperately Seeking Susan*, com música de *Blondie*; *Adelphi Theatre* – *Joseph and the Technicolor Dreamcoat*; *Lyceum Theatre* – *The Lion King*; *London Palladium Theatre* – *The Sound of Music*; *Duque of York's Theatre* – *Little Shop of Horrors*; *Drury Lane Theatre* – *The Lord of the Rings*; *Prince of Wales Theatre* – *Mamma Mia!*; *Prince Edward Theatre* – *Mary Poppins*; *Shaw Theatre* – *Menopause the Musical*; *Palace Theatre* – *Monty Python's Spamalot*; *Dominion Theatre* – *We Will Rock You*; *Victoria Palace Theatre* – *Billy Elliot*; *Piccadilly Theatre* – *Grease*. Isto no que concerne aos musicais. Quanto às peças, podíamos ter escolhido, por exemplo: *Gaslight* – *Old Vic Theatre*; *In the Club* – *Hampstead Theatre*; *Kean* – *Apollo Theatre*; *The Last Confession* – *Haymarket Theatre*, com *David Suchet*, o nosso já conhecido *Inspector Poirot*, e que versa sobre os acontecimentos que rodearam a súbita e não menos estranha e inesperada morte do papa *João Paulo I*, encontrado morto após trinta e três dias de papado; *The Five Wives of Maurice Pinder* – *National Theatre*; *The*

Mousetrap – *St. Martin's Theatre*, o clássico *thriller* de *Agatha Christie* que estreou em 1952, e, surpreendentemente ainda se mantém em cena sempre com retumbante sucesso; *Philistines* e *The Rose Tattoo* – *National Theatre*; *The Woman in Black* – *Fortune Theatre*. Está bom de ver que não era fácil a escolha.

Acabámos no *British Museum*, que visitámos demoradamente. Fundado em 1753, é um fantástico museu de arqueologia e etnografia, um dos mais ricos do mundo. Aqui se guarda a *Pedra de Roseta*, um bloco de granito negro onde se pode ver um mesmo texto escrito em egípcio demótico, grego e em hieróglifos egípcios. A partir do grego, língua bem conhecida, pode decifra-se os hieróglifos egípcios. Também aqui estão os frisos do *Partenon* de *Atenas*. No interior podemos apreciar um pátio encimado por um colossal tecto de metal e vidro. Abriga para cima de sete milhões de artefactos de todos os continentes, alusivos à história e à cultura da humanidade, dos primórdios à actualidade. Era nossa intenção tomar um *cappuccino* no bar do museu, mas a enorme fila de utentes depressa nos dissuadiu.

Assim sendo, decidimo-nos pelo aclamadíssimo *Starbuck's*, após o que fomos dar uma espreitadela à *Virgin Mega Store* em busca de novidades e pechinchas. Como a hora do jantar se aproximava, resolvemos recolher ao hotel.

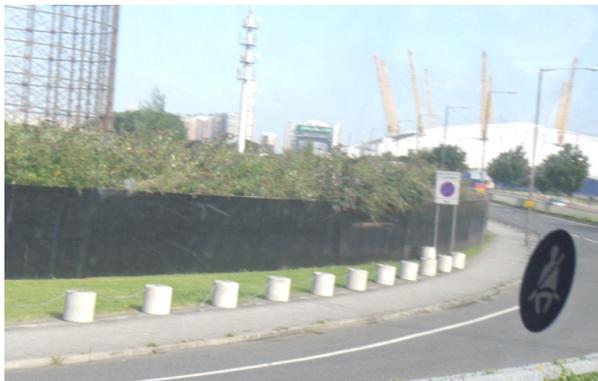
Desta vez deram-nos como entrada fatias de paté, que vinham acompanhadas com salada de alface, rúcula e tomates-cereja. Veio depois um porco agridoce, por sinal bem apaladado, que acompanhava com soltinho arroz branco. Para sobremesa veio uma lauta fatia de *Floresta Negra*, que é como quem diz, bolo de chocolate com recheio de cerejas e *chantilly*. Decidimos depois ir explorar o bairro de *Soho*, que nos havia aguçado o apetite aquando da visita da cidade. Para lá chegar descemos a *Woburn Place*, depois a *Southampton Row* até à estação de metro de *Holborn*, após o que cortámos para a *New Oxford Street* para depois acedermos aos



Jardins de Soho – Soho Gardens. Num ápice estávamos na *Old Compton Street*, a rua *gay*, onde, descontraída e muito naturalmente, outra coisa não seria de esperar, casais *gays* passeavam de mãos dadas e trocavam carinhos. Percorremos os inúmeros cafés, bares e restaurantes, até que nos detivemos no *Molly Moggs*, onde um fantástico *travesti*, *Bette Rinse* de seu nome, deliciava os inúmeros e alegres convivas que por lá se encontravam, todos divertidos e de copo de cerveja na mão. Alto, loiro, envergava um vestido vermelho repleto de lantejoulas e era um bem-apegoado homem, e, pasme-se, simultaneamente, uma vistosa mulher. Dali acedemos à *Oxford Street*, depois a *Regent Street* e eis-nos de novo em *Picadilly Circus*. Depois de tanta passeata, só nos apetecia um *latte*, que fomos de novo buscar ao *Burger King*. Só que, desta vez, a empregada que nos atendeu *pregou-nos a partida!* Ao pedirmos *latte*, eis que vocifera qualquer coisa como *not laté, is la ti*. E vai de dar-nos uma enorme *copázia* de chá. É que, sendo de ascendência oriental, certamente confundiu o *latte* com *tea*. Na risota, não tivemos coragem de recusar e lá *emborcámos a litrada* de fervente chá preto. Como já iam sendo horas, regressámos ao hotel. Pela *Regent Street* chegámos à *Oxford Street*, para onde virámos logo após a estação de metro de *Oxford Circus*. Seguimos pela *New Oxford Street*, depois a *Southampton Row*, e, finalmente, já perto do hotel, a *Woburn Place*. Dali à *Bedford Way* foi um saltinho. Depois do banho, bebemos um cafezinho com leite que acompanhámos com deliciosas bolachinhas. O costume!

8 de Agosto, Quarta-Feira

Após o pequeno-almoço, onde não faltaram torradas e pão com manteiga e café com leite, saímos para a visita que tínhamos marcado para aquele dia. Íamos Visitar o *Castelo de Windsor – Windsor Castle* e o bairro de *Greenwich*. Já nos aguardava o guia local, o mesmo que connosco andara na visita da cidade do dia anterior, homónimo do britânico rei que tinha coração de leão. Começámos



primeiro por *Greenwich*. Antes de lá chegarmos, ainda apreciámos *Canary Wharf*, o grande centro de negócios da cidade situado na zona das *Docklands*. Rivaliza com o tradicional centro financeiro e possui os três mais altos edifícios da cidade: o *One Canada Square*, por vezes identificado por *Canary Wharf Tower*, o *HSBC Tower* e o *Citigroup Centre*.

Ainda vimos o *Millenium Dome*, a tristemente célebre e de curta duração

Cúpula do Milénio, já fechada, sem que se saiba, ainda, qual o destino a dar-lhe. Seguimos depois para o *Observatório de Greenwich – Royal Greenwich Observatory*, de onde se desfruta uma belíssima vista sobre a cidade.

Fundado em 1675, por aqui passa o famosíssimo e homónimo meridiano, consubstanciado numa pequena faixa de metal cravada no chão, e que se convencionou dividir o globo terrestre em ocidente e oriente, para que, deste modo, se possa medir a longitude e latitude de um qualquer lugar. É tido o primeiro meridiano e serve de referência para que se estabeleça a relação entre as horas em qualquer local, instituindo, assim, os fusos horários.

Mesmo à entrada, um enorme relógio cravado numa coluna de tijolo terracota assinada a hora mundial.

Dali descemos até ao cais, até ao *Greenwich Pier*, onde íamos apanhar o barco para um pequeno cruzeiro pelo *Thames – Tamisa*. Tínhamos ganas de ver o veleiro *Cutty Sark*, que sabíamos estar danificado pelo incêndio que o consumiu no pretérito mês de Maio, mas não tivemos sorte! É que está todo coberto por enormes e opacas telas brancas. Era o único exemplar dos *clippers*, barcos de muitas velas utilizados para transporte de carga, designadamente no século XIX, quando foi utilizado na rota do chá entre a *China* e a *Grã-Bretanha*. Com grande pena, lá entrámos no barco, de nome *Millenium*. Para começar, fomos ao muito bem fornecido bar e pedimos um café e um com magnífico aspecto bolo que estava embrulhado em celofane e identificado como sendo um *large double choc muffin*. E, se tinha óptimo aspecto, melhor era o sabor, delicioso, com pequenas pepitas de chocolate por cima. Fomos degustando a *piqueta* enquanto íamos apreciando a paisagem em redor do rio, enquanto o barco, calmamente, ia sulcando as águas.





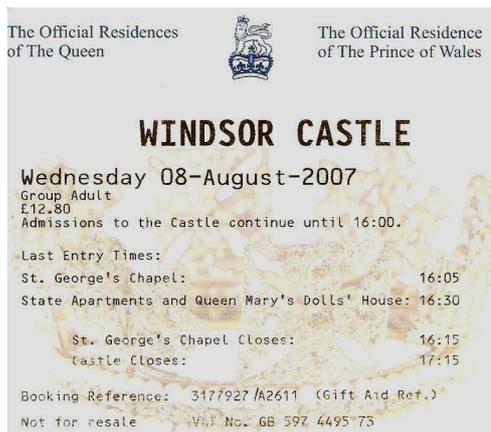
Eis que nos surge pela frente o celeberrimo edifício a quem muitos chamam jocosamente de *supositório* e que se designa apenas por *30 St Mary Axe*. Quem não se lembra dele em *Basic Instinct 2 – Instinto Fatal 2*, nomeadamente quando *Catherine Tramell – Sharon Stone*, fazia rodar na mão o isqueiro feito à imagem e semelhança da dita construção? Encontra-se na *City*, o principal distrito financeiro da cidade. Jocosamente alguém se lembrou de lhe por a alcunha de *The Gherkin*, que significa pequeno pepino, daqueles utilizados para fazer conservas em vinagre, muito provavelmente por via da sua forma um tanto ao quanto fálica. Não tardou a velha *Tower Bridge*, logo seguida pela *Câmara Municipal – Town Hall*, soberba, em forma de capacete.

Mais adiante o *HSM Belfast*, um navio de guerra que serviu na *II Guerra Mundial* e na *Guerra da Coreia* e que hoje se encontra ancorado no *Tamisa – Thames*. É um interessante museu para visitar e onde se pode ficar a conhecer como era a vida a bordo, à data, devidamente ilustrada e decorada com figuras de cera.



Sáímos em *Westinster Pier*, com o *Big Ben* mesmo à nossa esquerda a fazer soar o meio-dia. Sáímos de imediato rumo a *Windsor*, que dali distava pouco mais de uma trintena de quilómetros. Entrámos pela velha estação ferroviária que, em tempos, serviu a *Rainha Vitória – Queen Victoria* e para si foi construída, para quando viesse para o castelo. Foi-nos dado tempo livre para almoçar, não sem antes termos ido todos juntos até próximo da entrada do castelo, onde deveríamos reunir-nos à hora marcada para a visita. Voltámos novamente à estação, com lojas, cafés e restaurantes, onde nos sentámos para comer. Foi no *Maud's*, onde escolhemos uma sandes rectangular com atum e queijo *cheddar*, bem temperada com maionese e pimenta preta, designada por *Ciabatta roll, dolphin friendly tuna, cheddar cheese, mayonaise, black pepper*, que acompanhámos com uma garrafinha de sumo de laranja bem fresco, em cujo rótulo se podia ler: *Serious Oj Smooth*.

À hora marcada lá estávamos à entrada do *Castelo de Windsor – Windsor Castle*, que, dizem as *más-línguas*, é o maior castelo habitado do mundo.



Para lá entrarmos, *noblesse oblige*, tivemos que colocar todos os sacos e carteiras que nos acompanhavam numa passadeira electrónica, para que fossem devida e convenientemente rastreadas, após o que todos passámos por um detector de metais. Só depois nos deixaram entrar! Uma vez lá dentro, e já munidos com um pequeno folheto distribuído na bilheteira, começámos pela *Capela de São Jorge – St George's Chapel*, onde o guia nos contou a sua história, apenas em traços largos, uma vez que só dispunha de sete minutos para falar. Se os ultrapassasse, diplomaticamente seria *convidado* a deixar as instalações, ou, em alternativa, a calar-se!... Bonita e

majestosa, aqui estão sepultados inúmeros membros da família real. Nomeadamente os pais da actual monarca, *Jorge VI – George VI* e *Isabel I – Elizabeth I*, mais conhecida como a rainha-mãe, e a irmã, a *Princesa Margarida – Margaret Rose of York*. Subimos depois para a *Casa de Bonecas da Rainha Maria – Queen Mary's Doll's House*, réplica perfeita de uma casa de bonecas em tamanho gigante, com todas as divisões e respectivos móveis e acessórios de uma casa a sério. As roupas das bonecas eram absolutamente espantosas, onde não faltavam os casacos de arminho branco. Dali passámos à *Galeria dos Desenhos – The Drawings Gallery*, onde pudemos apreciar esboços e desenhos de mestres como *Leonardo Da Vinci* e *Rembrandt*. Depois da visita da sala das armas, e já cá fora, foi-nos dada a conhecer a *Ordem da Jarreteira⁶ – Order of the Garter*, ordem militar criada pelo rei *Eduardo III de Inglaterra – King Edward III*. Reza a lenda que um dia, enquanto dançava com a condessa de *Salisbury* numa festa na corte, esta terá deixado cair a sua liga, ou jarreteira. Solícito e perfeito cavaleiro, o monarca dignou-se apanhá-la e restituí-la à sua proprietária. Como reparou que os presentes os olhavam espantados e trocavam murmúrios e cochichos, levantou a voz e, zangado, exclamou em francês, a língua das classes elevadas: *Honni soit qui mal y pense!* Dali em diante, decidi que iria dignificar a tão aparente insignificante peça de guarda-roupa, a liga, através da criação de uma ordem, cujo símbolo é uma liga de cor azul escura com um rebordo dourado e cuja divisa são as palavras então proferidas pelo rei. Finda a visita, e antes do regresso a *Londres*, ainda demos uma volta pelas redondezas enquanto íamos sorvendo um gelado de chocolate e menta. Como chegámos ao hotel bem cedo, por volta das cinco e meia da tarde, decidimos ir até *Convent Garden* para passear e comprar *souvenirs*, nomeadamente umas fantásticas *t-shirts* que por lá viramos no dia anterior.

O jantar foi por volta das oito e começou com uma salada de tomate e alface, e, à parte, numa molheira, foi-nos servido um molho vinagreta com ervas para temperar. Veio depois uma posta de salmão ao vapor, com bolinhas de batata cortadas com colher parisiense para lhe dar forma esférica, cozidas, que faziam companhia a um montinho de ervilhas aferventadas. Para sobremesa, serviram-nos três *profiteroles*. Saímos depois para *Picadilly*, fazendo novamente o percurso já nosso conhecido. Fomos depois até *Trafalgar Square*, que muito nos espantou por estar às escuras. Fizemos compras pelas redondezas, nas muitas lojas de *souvenirs*, e regressámos ao hotel. O dia havia sido cansativo e outro se nos deparava pela frente, livre e inteiramente por nossa conta. Por volta da meia-noite e meia tomámos um tonificante banho, a que se seguiu uma ceia de café com leite e bolachas.

9 de Agosto, Quinta-Feira

Depois de termos tomado um pequeno-almoço de café com leite e torradas com manteiga e doce de pêssego e frutos vermelhos, saímos rumo ao *Museu de Guerra Imperial – Imperial War Museum*. Descemos a *Woburn Place*, depois a *Southampton Row* e a *Kingsway*, após o que virámos à esquerda para *Aldwych* e depressa nos vimos a atravessar a *Ponte de Waterloo – Waterloo Bridge*.

⁶ Liga de tecido elástico, com que as damas seguram as meias à perna.

Quando demos conta estávamos em frente ao monumental cinema *Imax*, em cuja fachada, totalmente redonda, está exposto um gigantesco cartaz do filme dos *Simpson – The Simpsons Movie*, logo seguido da *Waterloo Road* e da *Lambeth Road*. Antes das dez estávamos à porta do museu, hora de abertura.

Defronte da pinacoteca, logo após passarmos o portão de ferro que o delimita, damos de caras com um bem tratado relvado, que tem ao meio um carreiro empedrado, à laia de passagem de peões. O edifício é majestoso, com uma espécie de pré fachada sustentada por seis colunas, após o que surge acoplado uma outra construção de três pisos. Ao alto podemos observar uma grande cúpula, dir-se-ia que quase à imagem e semelhança de uma imponente catedral. Bem no centro do relvado, dois enormes canhões parecem fazer a guarda de honra das instalações. O da esquerda pertenceu ao navio *HSM Resolution*, sendo que o da direita esteve ao serviço do *HSM Ramillies*. Uma vez lá dentro, pudemos constatar, com espanto, que a entrada era gratuita. Decidimos comprar dois livros que nos pareceram interessantes: *Imperial War Museum* e *The Holocaust Exhibition*. Deram-nos, ainda, uma planta das instalações para que melhor nos orientássemos durante o percurso e soubéssemos onde estava o quê.

A primeira visão que se tem dos artefactos expostos deixa-nos boquiabertos! Canhões de vários tipos, calibres e feitios, tanques, armamento pesado, um *sui generis* autocarro vermelho, identificado na planta como *Ole Bill*, e algumas aeronaves. Falamos, por exemplo, dos aviões da *II Guerra Mundial Spitfire Mark I A*, cuja acção na *Batalha de Inglaterra* foi preponderante para a vitória aliada, ou, ainda, um norte-americano *P51 Mustang*. O primeiro era cinzento, com duas pequenas rodas à frente e uma atrás, sendo que, nas asas, estão pintados uma espécie de alvos, se assim podemos chamar aos três círculos concêntricos azul, vermelho e branco. À frente está equipado com uma hélice de três pás. Quanto ao segundo, tem pintado xadrez preto e branco, possui uma hélice de duas pás e nele pode ler-se a frase: *Big beautiful doll*. Quanto à artilharia pesada, apreciamos um tanque *M4 Sherman*. Prosseguindo, damos de caras com a mortífera bomba voadora alemã *V2*, um *rocket* que viajava mais rápido do que o som e era impossível de detectar. Seguimos depois para o *cockpit* seccionado de um avião japonês, o *Zero Fight*, por onde entrámos e saímos e apreciamos os inúmeros botões e alavancas do painel. Demos largas à imaginação, e quase vislumbrámos um japonês de cabelo espetado e beiços cobertos por um pequeno bigodinho. Logo ao lado, um míssil *Thunderbird*.

Seguiu-se depois uma experiência aterradora, a *Experiência das Trincheiras – The Trench Experience*, apesar de simulada e estar a ser por nós vivida em tempo de paz. Falamos de uma recriação da vivência nas trincheiras da *I Guerra Mundial*. Um passeio a pé com subidas e descidas, no autêntico e bem realista ambiente dos fossos onde se acobertavam os pobres dos soldados no primeiro grande conflito mundial do século vinte. Logo à entrada, um radiotelegrafista fardado, com a cabeça coberta por um capacete metálico, empunha um telefone e estabelece contacto aflitivo com a sua guarnição. A farda que enverga é verde azeitona e sobre o ombro esquerdo jaz um enorme coldre. Na mesa à qual está sentado, podemos ver uma caixa vermelha aberta e pilhas de papéis e documentos espalhados. Na parede à sua frente, podemos ver fotografias, quem sabe se dos entes queridos, bem como diversos documentos de trabalho. À sua direita, numa espécie de estante ou escaparate, estão garrafas, eventualmente de *brandy* ou *cognac*, bem como caixas de chá e canecas de esmalte. Certamente para que as suas noites de vigília e angústia se tornassem menos ásperas. Sobre a cabeça, no tecto do compartimento, está pendurada uma lanterna a petróleo. O ruído das bombas e consequentes explosões é ensurdecedor, e os brados das tropas e dos feridos deixam-nos em sobressalto. Tão fingido e, no entanto, tão real! Tudo isto aliado a magníficos efeitos visuais, sonoros e olfactivos, com as luzes das bombas que riscam o céu, o som massacrante dos estampidos e o ar empestado com o fétido e pútrido cheiro da pólvora. Magnífico quanto horrendo cenário este que tivemos ocasião de sentir. Analisámos depois imensos documentos, mapas, fotografias, cartas e dezenas de *posters*.

Ficámos depois a saber quão difícil era a vida a bordo de um submarino em tempos de guerra, magnificamente ilustrada e documentada. Outro grande momento de concepção cénica! O ar, rarefeito necessariamente rarefeito, propicia um por vezes nauseabundo cheiro, fruto de tantos homens a bordo com precárias condições de higiene. Apenas um pequeno jarro de água era dado a cada um, ao que

parece, para limpeza e cozinhar. Para que melhor nos apercebermos das vicissitudes da vida a bordo, após descrição do modo de vida em determinados compartimentos, tínhamos pequenos orifícios com uma tampa que podíamos abrir e cheirar. Por exemplo nas camaratas e dormitórios das dezenas e dezenas de marujos, onde imperava o cheiro a chulé e, por vezes, *ventosidades* intestinais, vulgo flatulência. Aquilo em que naturalmente estão a pensar e que, manda a decência e o decoro, aqui não expressamos em português vernáculo...

Passámos depois à casa de banho, onde privacidade era vocábulo arredado. A sanita apenas estava separada do corredor por uma minúscula cortina, que deixava antever quase todo o corpo do utente. Satisfeitas as necessidades fisiológicas, pelo menos as mais sólidas e pestilentas, era altura de puxar o autoclismo. Contudo, esta não era tarefa fácil e desprovida de procedimentos. Muito pelo contrário! Ai de quem não cumprisse as regras preceituadas nos pelo menos oito regimentos obrigatórios. Aí, a mãe natureza se encarregaria da paga e tudo quanto estava na sanita saía disparado para a cara do usuário. Daí vem a expressão inglesa *get your own back*, qualquer coisa como *recebe de volta o que é teu!*... Ainda nos foi dado ver as pequenas malas de madeira com produtos de higiene devidamente alinhados no seu interior: sabão da barba, pincel e pequena máquina de barbear com lâmina, a vulgar *gilette*.

Seguiram-se diversos documentos, cartazes, mapas, máscaras de gás, procedimentos de evacuação, designadamente de crianças rumo a famílias de acolhimento, não raras vezes no estrangeiro. Ainda as cadernetas com os cupões e senhas do racionamento, a sobrevivência nos abrigos, a vida de penúria e míngua. As caixas com a ração distribuída era composta por um pequeno pedaço de carne, açúcar, manteiga, margarina, *bacon* e chá, produtos que tinham que ser bem geridos para que fintassem a escassez e ludibriassem a fome das famílias já martirizadas pela guerra.

Eis que outra soberba quão horripilante experiência nos aguardava – a reprodução de um *raid* aéreo. Falamos da *Experiência do Blitz – Blitz Experience*, o famigerado bombardeamento ocorrido entre Setembro de 1940 e a Primavera de 1941. Só *Londres* foi atacada durante 57 noites consecutivas, e mais de 41.000 civis foram mortos e 137.000 feridos. Sentámo-nos numa espécie de banco corrido, como se de um abrigo se tratasse, quase completamente escurecido, onde lancinantes gritos de crianças cortavam o ar e nos punham os corações aos pulos! Como se isto já não bastasse, o sibilante som das balas e o estrondoso ribombar das bombas entrava-nos pelos tímpanos dentro. Eis senão quando, o banco onde estávamos sentados é sacudido por uma violenta explosão. Acto contínuo, o ar é contaminado pelo cheiro da pólvora que nos arde nas gargantas e nos faz lacrimejar os olhos. Somos depois conduzidos por uma hipotética rua de *Londres* arrasada por mais uma violenta explosão. Um vigilante empunhando uma lanterna, qual guarda de turno, leva-nos a percorrer o fumegante cenário de destruição, com os telhados esventrados, os tijolos amontoados e as montras estilhaçadas. Caos total!...

Seguimos depois em visita a uma exposição evocativa do *General Montgomery* e a *Frente Leste*, com dezenas de cartazes, fotografias e documentos. Por lá vimos umas enormes *sapatas de corda* entrançada, altíssimas, que ficámos a saber serem botas de neve usadas na frente leste. Ainda uma referência ao tristemente célebre castelo de *Colditz*, que tantos prisioneiros de guerra acolheu e foi cenário de espectaculares fugas, com a fértil imaginação dos prisioneiros a engendrar as mais variadas ferramentas de auxílio às fantásticas e quase surrealistas escapadas, tão bem documentadas em cinema ou na homónima série televisiva britânica de há perto de três décadas. Por lá vimos um exemplar de uma caixa enviada pela *Cruz Vermelha* aos prisioneiros, onde havia, por exemplo, latas de carne, de esparguete à bolonhesa, de feijões guisados com bacon, de carne salgada, de sumo de tomate, de salada de batata e chocolate em tablete *Suchard*. Ainda a guerra secreta e como era o mundo clandestino da espionagem e das missões encobertas. Também nos foi dado ver o *modus operandi* do *MI5* e *MI6*, bem como as altamente especializadas tecnologias de comunicação que faziam parte do seu espólio. Isto, sem esquecer o trabalho dos operacionais secretos, bem documentado por inúmeras fotografias. Entre os muitos artefactos, vimos frascos de invisível tinta utilizada pelos espões alemães durante a *II Guerra Mundial* e, já de data posterior, uma original *Enigma* alemã, a máquina usada para descodificar

as mensagens secretas, livros de códigos, mirabolantes engenhocas para sabotagens e um secreto rádio usado pelos agentes do *MI6* durante a *Guerra Fria*.

Seguiram-se os bombardeamentos nucleares de *Nagasaki* e *Hiroxima*, bem como *reliquias* recolhidas na primeira cidade, como pedaços de madeira e cerâmica e uma garrafa inteira mas retorcida e deformada pelo intenso calor a que esteve sujeita. Ainda os inúmeros conflitos bélicos ocorridos depois de 1945 – a *Guerra Fria*, a *Guerra da Coreia*, a *Guerra do Vietname*, as guerras em *África* pela independência das colónias, no *Médio Oriente*, e, mais recentemente na *Bósnia-Herzegovina* e no *Kosovo*.

Fomos depois visitar demoradamente a *Exposição do Holocausto*, não recomendada a crianças menores de 14 anos, onde nos foi dado observar uma fantástica colecção de documentos e fotografias. O anti-semitismo, a *Noite de Cristal – Kristallnacht*, as deportações, os campos de extermínio, a pureza (!?) da raça ariana, os métodos de selecção e detecção dos não arianos. Numa caixa metálica exposta pudemos observar várias madeixas de cabelo de diversas cores e texturas, usadas para comparar com os cabelos dos prisioneiros. Também uma outra caixa metálica, onde estavam acondicionados diversos olhos de vidro de várias cores e tonalidades, bem como um estranhíssimo artefacto, ou ferramenta, em forma de tenaz, que se alonga ou estreita, e que servia para verificar o tamanho e configuração da caixa craniana dos cativos, bem como o tipo da sua estrutura óssea. Seguiu-se a hedionda *Solução Final*, consubstanciada nas deportações em massa em comboios sobrelotados, como se de gado se tratasse. Com todo o pormenor, está patente uma enorme maqueta do campo de *Auschwitz-Birkenau*, numa espécie de acrílico ou madeira branca, bem representativa deste mega complexo de 39 campos e sub campos de trabalho escravo. Entre 1940 e 1941, cerca de 400.000 condenados aqui sofreram horrores e sentiram na carne a fome e o terror deste tenebroso local, de onde, no dizer de um dos seus verdugos, *apenas se saía pela janela!*... Aqui pereceram para cima de um milhão de judeus, para já não falar dos 70.000 cristãos polacos, 23.000 ciganos e 15.000 soviéticos, nos campos de trabalho e nas execráveis câmaras de gás, aniquilados pelo potente insecticida *Zyklon B*. O *staff* deste campo contabilizava mais de 7.000 elementos, entre oficiais, médicos, administrativos e guardas. Para finalizar, redomas de vidro em forma de grandes montras expõem objectos de uso diário recuperados, designadamente canecas e tigelas de esmalte, panelas, pilhas e pilhas de pares de sapatos, bem como fatos riscados de prisioneiros, andrajosas camisas e socos de madeira.



Para comemorar o sexagésimo aniversário do fim da *II Guerra Mundial*, está patente uma exposição vista pelos olhos das crianças – *The Children's War*. A evacuação a que muitas foram sujeitas, separando-se das suas famílias aquando do *Blitz* de *Londres* e as novas realidades da vida que então experimentaram. As ameaças de ataques com gás, os *raides* aéreos, as fugas para os abrigos improvisados, o raciona-

mento dos géneros alimentícios, a vida escolar.

Curiosa a fantástica réplica de uma casa datada de 1940, que percorremos e apreciámos detalhadamente. O quarto de casal com uma completa mobília da época, a pesada cama, coberta com uma garrida colcha, o guarda-fatos, a cómoda, as duas mesinhas de cabeceira e os tapetes que cobriam o chão. Mais adiante, a sala de jantar e a sala de estar, onde não podia faltar um velho e pesado rádio que difundia os tão populares à época *swings* de *Glenn Miller*, de que são exemplo *In the Mood*, *Tuxedo Junction*, *Chattanooga Choo Choo*, *Moonlight Serenade*, *Little Brown Jug*, *Pennsylvania 6-*

5000. Seguiu-se a casa de banho e a cozinha, após o que descemos para um pequeno pátio interior, onde repousava uma velha bicicleta com um cesto de verga à frente, transporte muito em voga à data. Num pilar de tijolo terracota, está hasteada a *Union Jack*, a bandeira do Reino Unido da Grã-bretanha e Irlanda do Norte – *United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland*.

Mais adiante pudemos constatar como era uma sala de aulas da época.

Como estava equipada, com as pequenas carteiras individuais devidamente alinhadas e em perfeito estado de conservação, a secretária da professora tendo por trás o celeberrimo quadro negro de ardósia, um mapa-mundo semi-enrolado e algumas fotografias de grande formato.

Antes de sair, ainda percorremos uma exposição alusiva aos vinte e anos da Guerra das Malvinas – *Falklands War*, travada no Atlântico sul entre a Argentina e o Reino Unido, entre os dias 2 de Abril e 14 de Junho de 1982. Profusamente ilustrada com fotografias e documentários da época, dá-nos uma visão bastante completa da actuação da então Primeira Ministra *Margareth Thatcher*, e de como a sua força, firmeza e perseverança foi fundamental para a vitória.



Ainda a presença do *Príncipe André – Prince Andrew*, integrado na força da *Royal Navy* a bordo do *HMS Invincible*.

Terminámos ao fim de três exaustivas mas gratificantes horas. Como já apetecia, resolvemos almoçar por ali mesmo, na cafetaria do museu. Escolhemos uma sandes de frango com um estranho recheio *avegetarianado*, devidamente mesclados com um molho de cebola vermelha, cognominada de *Milburn – chicken, sage stuffing & red onion relish*, a que se seguiu uma pródiga fatia de bolo de cenoura com especiarias e uma cobertura branca, designada por *organic carrot cake*. Para ajudar a empurrar, bebemos uma água fresca.

Sáimos depois rumo ao *Gabinete de Guerra de Churchill – The Cabinet War Rooms*. Descemos pela *Lambeth Road*, atravessámos a *Lambeth Bridge*, virámos à direita para *Abingdon Milbank*, com as *Casas do Parlamento – Parliament Houses* e o *Big Ben* à nossa direita, e, pela esquerda, acedemos à *Great George Street*.

CM and CWR 1 Entrance
09/08/2007
Adult
£11.00
Cashier No: 14
Booking Ref: 28142554

IMPERIAL WAR MUSEUM

Imperial War Museum London
Churchill Museum and Cabinet War Rooms
HMS Belfast
Imperial War Museum Duxford
Imperial War Museum North

www.iwm.org.uk

Tickets are sold subject to the terms and conditions overleaf

Eis-nos agora defronte do edifício que alberga o local de onde o famoso estadista conduziu o esforço de guerra, e, tal como prometera, com *sangue, suor e lágrimas* levava os aliados à vitória. Para além do bilhete, comprámos dois livros, um deles alusivos ao local que nos aprestávamos a visitar – *Churchill Museum and Cabinet War Rooms* e o outro – *Churchill*, evocativo da figura deste insigne governante britânico, uma biografia da autoria da sua neta, *Célia Sandy*, que, por acaso, está autografada. Antes de entrarmos, é-nos dado um aparelhómetro, que, carregando no número correspondente a cada sector, nos vai contando a sua história pormenorizada.

Logo à entrada está o *Cabinet Room*, onde se vêem mesas pretas juntas em quadrado, com cadeiras de braços, igualmente negras e parecendo ser estofadas. Por cima têm papel ou uma espécie de grande livro e um lápis amarelo. A cadeira principal, à cabeceira, é diferente das demais, parecendo ser de madeira com as costas às ripas. Tem por trás um gigantesco mapa-mundo, bem como uma mala vermelha à frente e um telefone negro. Na parede, ao alto, uma pequena ventoinha preta bem se deve ter esforçado, em vão, para renovar o certamente mais do que empestado ar de tabaco. Recorde-se que *Winston Churchill* era um inveterado fumador de charuto, aliás a sua imagem de marca. Nos tectos, grandes e grossas vigas de ferro foram estrategicamente colocadas para que este não abatesse e cedesse aquando dos intensos bombardeamentos. Reparámos que todos os relógios estão parados nas cinco horas. Ao que parece, apenas por conveniência, uma vez que a maioria já não funciona. Mas porquê nas cinco horas? Simbolicamente foi escolhida esta hora, porquanto, no dia 15 de Outubro de 1940, precisamente a esta hora, se iniciou o primeiro encontro do gabinete de guerra naquele local, para lá transferido após os severos danos sofridos pelo número dez de *Downing Street*, não muito longe daquele local. Figuras de cera vão reproduzindo a difícil vida debaixo do solo. À nossa esquerda surge-nos uma casa de banho, pelo menos assim está assinalada, mas mais não é do que a *Transatlantic Telephone Room*, utilizada por *Churchill* sempre que queria contactar telefonicamente, e de forma segura, com o presidente *Roosevelt*, sem que houvesse qualquer hipótese de serem intersectadas as secretas conversas que mantinham.

Seguiu-se o quarto da esposa de *Churchill*, depois a cozinha, devidamente equipada, e o local onde operavam as telefonistas que asseguravam todas as comunicações, sempre em azáfama e sob pressão. A sala dos mapas impressiona pelo seu rigor. Uma caterva de telefones, verdes, vermelhos e pretos, povoa as secretárias atulhadas de papéis, manuais e caixas com pequenos alfinetes de várias cores com que iam sendo assinalados os avanços nos mapas. No improvisado quarto de repouso do estadista no seu gabinete de trabalho, na mesa-de-cabeceira repousa uma lanterna de emergência. Mais adiante, numa pequena mesa de trabalho, ou secretária, vemos microfones disponibilizados pela *BBC* para as suas intervenções radiofónicas. Apesar de estarem no subsolo, sabiam sempre qual o tempo que fazia à superfície. Havia sempre alguém cuja missão era colocar, em local apropriado numa das paredes, um pequeno cartaz com a indicação meteorológica – *raining* ou *fine*, por exemplo. O pior, ao que se diz, apesar da deficiente ventilação do local, era a falta de casas de banho em condições. Como não havia remoção automática dos dejectos e adequada limpeza e desinfecção, o local era bafiento e mal cheiroso. Também os dormitórios eram pouco ou nada confortáveis. A ventilação e renovação do ar era feita de forma mecânica, à custa de máquinas para o efeito, o que tornava o local bastante ruidoso. Os turnos de trabalho estendiam-se por vezes para além do limite. A guerra a isso obrigava! Estar no subsolo por longos períodos de tempo trazia consequências e, não raras vezes, provocava graves carências de vitamina *D*. Por isso, às dactilógrafas e outros trabalhadores, eram proporcionados tratamentos com lâmpadas solares, para que, deste modo, se suprisse a falta da luz do dia. Também eram fornecidas suplementares rações de cubos de açúcar, como que um tónico para as tarefas executadas sob pressão e forte ansiedade. Antes de sairmos, ainda nos foi dado ver uma das saídas de emergência, que indicava direcção da *Great George Street*.

A tarde já ia a meio e ainda nos restava uma certamente de arrepiar experiência para o dia, que aguardávamos com muita ansiedade e expectativa.

Inscrevemo-nos na *Premium Tours* e íamos fazer uma viagem pelo mundo do terror de *Londres*. A *Jack the Ripper, Thames Terror Cruise & dinner with Sherlock Holmes*. O local de encontro era o hotel *Thistle Victoria*. Para lá chegarmos caminhámos pela *Birdcage Walk*, depois a *Buckingham Gate* com o homónimo palácio à nossa direita, a que se seguiu a *Buckingham Palace Road*. Como ainda era cedo, passeámos pela estação de caminhos-de-ferro de *Vitória – Victoria Station*, e, como já iam sendo horas de lanche, sentámo-nos no *Costa da Cardinal Place*, e, calmamente, tomámos um super bem feito *cappuccino* e degustámos um delicioso *triple chocolate muffin*.

À hora marcada, seis menos vinte da tarde, lá estávamos no ponto de encontro. Era uma viagem em quatro etapas, designadas *Part 1: Coach drive through dark London; Part 2: Jack the Ripper Walk; Part 3: The Terror of the Thames; Part 4: Dinner with Sherlock Holmes*. Uma vez dentro do autocarro, dirigimo-nos primeiramente a *Old Bailey*, não muito longe da *Torre de Londres – Tower of London*, que, em ancestrais tempos, fora palco de dezenas e dezenas de execuções, por enforcamento e por decapitação. Aqui ficamos a saber que, por exemplo, a morte por decapitação era privilégio das classes abastadas, ficando o enforcamento para os menos abonados. Para que estes morressem mais depressa, era habitual os familiares pendurarem-se nas pernas do infeliz condenado para que a *partida para o outro mundo* fosse mais célere. Também ficámos a saber que, em determinada altura de uma decapitação, por via da pouca experiência do carrasco, quiçá um estagiário, a pobre da condenada levou seis machadadas até que, finalmente, a cabeça lhe saltou. À data, era habitual expor as cabeças dos condenados na *London Bridge*, para que servisse de exemplo aos candidatos a prevaricadores. Não raras vezes, os corvos vinham em bandos comer-lhes os olhos e as carnes putrefactas. No século XVI *Sir Thomas More* e o bispo *John Fisher* foram decapitados na *Tower Hill* por se recusarem a reconhecer *Henrique VIII – Henry VIII* como chefe supremo da igreja de *Inglaterra*. Também as suas cabeças foram expostas à devassa pública.

PREMIUM TOURS		TRAVEL TICKET	
Private Tours away from the crowd		L 28453	
THIS COMPLETE TICKET MUST BE PRESENTED ON CHECKING-IN AT THE DEPARTMENT POINT			
CLIENT'S NAME	PEREIRA	No. of Passengers	
TOUR No.	L13 DEPARTING ON 9/8	Adult	Children / Senior
See reverse for Conditions of Sale			
THIS PORTION WILL BE COLLECTED BY YOUR TOUR GUIDE			
Tour	No. of Persons	Price Per Person	Total
Adult	Child	Senior	
Jack the Ripper	2	1950	389.00
I authorize Premium Tours to debit my Charge Card number:			TOTAL: 389.00
<input type="checkbox"/>			
Signature: _____			
TOUR DEPARTURE DATE: 9/8/07			
TOUR DEPARTURE TIME: 5.40p (Please arrive 10 mins before time)			
TOUR DEPARTURE POINT: Thistle Victoria (See brochure for more details)			
PREMIUM TOURS BOOKING REFERENCE: JR004389			
		TICKET L 28453	
PLEASE NOTE YOUR CARD WILL BE CHARGED IN ITS LOCAL CURRENCY UNLESS YOU ADVISE US OTHERWISE			
DATE OF ISSUE: 8/8/07			
ISSUED BY: [Signature]			



Estas histórias foram-nos contadas no exacto local onde outrora se localizava um patíbulo e onde, infelizmente, certamente milhares de almas abandonaram os corpos dos seus infelizes donos.

Dali embarcámos numa curta viagem pelo *Tamisa – Thames*, em busca dos locais onde supostos assassinatos foram cometidos pela *KGB*, ou foram palco de estranhos suicídios. Como por exemplo a *Ponte Waterloo – Waterloo Bridge*. Evento digno de um filme, no dia 7 de Setembro de 1978, o dissidente búlgaro *Georgi Ivanov Markov*, enquanto aguardava o autocarro na respectiva paragem, foi atingido na perna por um homem que segurava um guarda-chuva. Acto contínuo, o indivíduo pediu desculpa e seguiu o seu caminho. Conquanto tivesse sentido uma forte dor aguda, não ligou e rumou aos escritórios da *BBC World Service* onde exercia funções. Só mais tarde reparou que, no local onde fora atingido, se formara uma pequena borbulha vermelha, a par de dores que teimavam em persistir. Ao fim da tarde estava já cheio de febre, tendo morrido em agonia três dias mais tarde. Ao que parece, aquando da sua autópsia, foi descoberta uma minúscula cápsula de platina embutida na pele, que continha vestígios de altamente venenoso rícino. Seguiu-se a *Ponte Blackfriars – Blackfriars Bridge*, onde, em Junho de 1982, apareceu enforcado *Roberto Calvi*, conhecido como o *Banqueiro de Deus* após o seu envolvimento no escândalo da falência do *Banco Ambrosiano*. Estranha morte, porquanto se falava das suas supostas ligações ao mundo da *Máfia*, designadamente pelo facto de, nos bolsos das calças de *Calvi* se ter descoberto a quantia de quinze mil dólares em dinheiro. Suicídio ou homicídio? Ora aí está um mistério que nunca se desvendará...

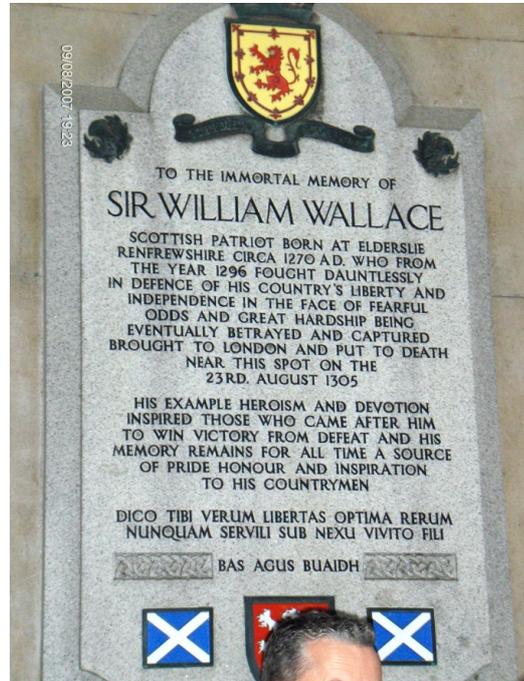
Fomos depois, demoradamente, percorrendo os locais onde *Jack o Estripador – Jack the Ripper* cometeu, no já longínquo ano de 1888 e no desditoso bairro de *Whitechapel* os até hoje insondáveis e horripilantes crimes. Quem teria sido tão misteriosa quanto *escorregadia* personagem? Nunca ninguém soube, ou, se por acaso alguma vez a sua identidade foi descoberta, nunca tal transpirou para a opinião pública. Muito se especulou, e especula, contudo, nada se apurou. Por via da natureza dos crimes, e da forma como estes eram executados, só poderia ser alguém com conhecimentos médicos, designadamente cirúrgicos, ou, como então também se disse, um talhante ou um barbeiro, habilidoso com a arte da navalha. As vítimas foram todas mulheres e prostitutas e os crimes foram cometidos em locais públicos e desertos. À vítima era dilacerada a garganta, após o que era barbaramente mutilada e estripada, sendo os seus órgãos retirados. Para a história ficaram os nomes: *Mary Ann Nichols*, morta no dia 31 de Agosto, *Annie Chapman*, morta no dia 8 de Setembro, *Elizabeth Stride*, morta no dia 30 de Setembro, *Catherine Eddowes*, morta também no dia 30 de



Setembro, e *Mary Jane Kelly*, morta no dia 9 de Novembro. Outro enigma jamais revelado ocorreu no dia 30 de Setembro, marcado por duas mortes, quando apareceu numa das paredes das imediações uma inscrição em giz onde se lia qualquer coisa como *The juwes are the men that Will not be blamed for nothing*, ou *The juwes are not the men that Will be blamed for nothing*. Ao certo nunca se saberá, porquanto, pasme-se, a inscrição foi imediatamente apagada sem sequer ter sido fotografada. Com que intenção? Jamais se saberá!...

Parte desta história foi-nos contada em frente à *Lilian Knowles House*, na que hoje é uma residência de estudantes e, à data, era uma espécie de asilo ou albergue, onde as mulheres da rua, a troco de uma mão cheia de xelins ganhos no aluguer do corpo, encontravam uma enxerga para passar a noite longe do frio gélido da noite londrina.

Ficou para o fim o local onde o herói escocês *William Wallace* foi massacrado, devidamente assinalado com uma placa evocativa. Como se sabe, reza a história que foi primeiro enforcado, depois estripado, decapitado e esquartejado, tendo as partes do cadáver sido enviadas para *Newcastle-upon-Tyne*, *Berwick*, *Perth* e *Stirling*. Quanto à cabeça, foi colocada numa estaca na *Ponte de Londres – Tower Bridge*. Mesmo ao lado, ainda nos foi dado ver uma estátua de *Henrique VII – Henry VIII*, enquanto ficámos a conhecer algumas peripécias da sua atribulada vida, nomeadamente o facto de seu cadáver ter explodido dentro do caixão, aspergindo sangue por todos os lados, para gáudio dos canídeos presentes que, de imediato, se apressaram a sorvê-lo. Estava prestes a finir-se tão interessante périplo. O final seria no *Sherlock Holmes Pub*, mesmo à beira da *Trafalgar Square*, onde poderíamos jantar, por exemplo, *fish & chips*. Não foi, no entanto, o que aconteceu. A multidão que por completo lotava o estabelecimento fez-nos mudar de ideias. Dali depressa nos pusemos na *Leicester Square*, e, na *Pizza Hut*, mesmo ao lado do *Odeon*, comemos uma fatia de *pizza* vegetariana, com queijo, tomate, cebola vermelha e pimentos. Como a estadia em solo britânico se aproximava do fim, havia que despachar as moedas que ainda nos enchiam os bolsos. Assim sendo, ainda fomos ao *Burger King* comer um *sundae*. Demos depois uma passeata por *Picadilly*. No *Planet Hollywood* ainda comprámos uma *t-shirt* e, na *HMV* do *Trocadero*, depois de vasculharmos não só as últimas novidades como as raridades em *vinil*, *CD* ou *DVD*, adquirimos o documentário de *Ray Müller*, *The Wonderful, Horrible Life of Leni Riefenstahl*. Regressámos ao hotel pelo *Soho*, e, uma vez mais, espreitámos o *Molly Moggs*, o tal *pub* com *travestis* e música ao vivo que já havíamos coscuvilhado anteriormente. O *espécime* de hoje nada tinha a ver com o anterior. Era feio, magro e escanzelado. Depois do banho da praxe, lá veio o *cappuccino* e as bolachas de *muesli* e maçã. Já não era cedo e o dia que se vislumbrava prometia ser duro. O despertar era às 5,45, o pequeno-almoço às 6,30 e a partida às 7,15.



10 de Agosto, Sexta-feira

A primeira refeição do dia teve torradas com manteiga e pão com compotas de morango e pêsego, que acompanhámos com café com leite. Seguimos depois pela zona de *Canterbury*, que logo nos traz à memória os *Canterbury Tales* de *Geoffery Chaucer*. Rumámos a *Folkestone* para voltarmos a entrar no *Eurotúnel* e fazer a viagem de regresso a solo continental. Uma vez mais o autocarro foi passado a pente fino, dir-se-ia que radiografado, à semelhança do que já havia acontecido do lado gaulês, com uma pequena diferença. Uma vez parado, eis que nos entra pela porta um guarda com um colete fluorescente, que, numa das mãos, trazia um pequeno *aparelhómetro*, como que um detector em forma de pequena vassoura de piaçaba, com que ia *varrendo* o autocarro, designadamente a zona lateral dos bancos. Retomada a marcha por volta das dez e trinta lá fomos entrando para os monumentais vagões, que iam compartimentando as viaturas. Desta vez fomos os primeiros a entrar, pelo que fomos

mesmo na frente do comboio. Faltavam dez minutos para as onze horas quando a locomotiva começou a mover-se. Uma vez mais ligámos o cronómetro, para só o desligar quando de todo parámos. 32 minutos, 54 segundos e 37 centésimos foi em quanto se fez a viagem, desde que começámos a mover-nos até que nos imobilizámos.

Agora em *França*, avançámos sessenta minutos no tempo. Como já iam sendo horas de almoço, este ocorreu logo a seguir à saída do *Eurotúnel*. Uma grande *baguete* de atum, fiambre, tomate e ovo, denominada de *Club thon jambon, tomate, oeuf*, servida em pão vienense – *pan viennois*, fofo e amarelado. Ainda bebemos uma água fresca e, para sobremesa, saboreámos um *fondant au chocolat et noix pécan*, que mais não era do que um retângulo de delicioso e compacto bolo de chocolate. Já pensando na ceia, comprámos leite meio-gordo e bolachas de coco, mel e laranja. Seguimos depois rumo a *Rouen*, onde nos foi dado algum tempo livre para passear. Começámos pela catedral – *Cathédral de Notre Damme de Rouen*, enorme, gótica, mas um tudo-nada degradada e bastante poluída. Como particularidade, refira-se que, entre 1876 e 1880, foi o edifício mais alto do mundo. Fomos depois até à torre do relógio, onde, por perto, comemos um gelado de máquina de baunilha e morango. Passeámos depois pelas ruas com típicas casinhas medievais com ripas de madeira, tentando, em vão, descobrir a igreja em honra de *Joana D’Arc* – *Église Sainte-Jeanne-d’Arc*. Antes de regressar ao autocarro para retomar a viagem, no *Café – Bar – Brasserie La Fleche* tomámos um bem apaladado *cappuccino*.

Chegámos a *Le Mans* por volta das sete e meia. Depois de arrumarmos *as tralhas* no quarto, descemos para jantar. Como entrada, deram-nos uma pequena *quiche paysanne*, feita com ovos, natas e *bacon*, que acompanhámos com uma salada verde. Seguiu-se *Boeuf Bourguignon*, vitela estufada, com cenouras e *tagliatelle*, e terminámos com uma salada de frutas. Antes, em jeito de entrada, comemos nacos de pequenos pães quadrados. Saímos depois para ir dar uma volta e espreitar a cidade onde nunca havíamos estado. Depois da saída do hotel, atravessámos uma ponte para o outro lado, onde se situava a cidade alta e medieval. Logo nos apercebemos de magníficas imagens que estavam a ser projectadas nos edifícios, para espanto de inúmeros espectadores que fizeram dos pequenos passeios e muros confortáveis poltronas. Subimos depois umas íngremes escadas, que davam directamente para uma concorrida zona de galerias de arte, cafés, restaurantes e esplanadas, onde dezenas de pessoas jantavam tranquilamente enquanto iam apreciando as projecções que se sucediam nas fachadas dos edifícios antigos, designadamente com cenas da corte, banquetes reais e cenas da vida na *Idade Média*, à semelhança do que já havíamos visto em *Chartres* e em *Strasbourg*. Acedemos depois à praça da *Câmara Municipal – Hôtel de Ville* e, pelas redondezas, na esplanada do *Café Saint-Pierre*, bebemos uma fresca *coca-cola light* e deixámo-nos estar, calmamente, a apreciar os transeuntes. Descemos depois de volta ao hotel, uma vez que já iam sendo horas de recolher. Depois do banho, bebemos café com leite e comemos bolachas de frutos secos.

11 de Agosto, Sábado

Ao pequeno-almoço comemos fatias de pão em baguete e *croissants* com manteiga *Président*, queijo e fiambre, enquanto íamos sorvendo pequenos golos de café com leite. Rematámos com um iogurte com pedaços de morango. Seguimos depois rumo ao *País Basco*, a *Vitoria* onde íamos pernoitar. Sem contratempus ou sobressaltos, por volta das dez e meia estávamos a saborear um *cappuccino noisette* que retirámos de uma das muitas máquinas à nossa disposição na área de serviços onde fizemos a primeira *paragem técnica* para *alívio das bexigas*. O almoço foi ao meio dia e meio, algures numa cafetaria de nome *Paul*, pelo *Aire de St. Léger*. Comemos uma sandes *poulet pavo* - em pão chapata, com alface, tomate e fatias de frango e peru assados. Seguiu-se uma *Tarte Flan Normand*, de massa folhada com creme e coberta de fatias de maçã e amêndoa laminada. Dali seguimos rumo a *Bordeaux* e, por volta das quatro da tarde, já no *País Basco Francês* tomámos um café antes de retomar a última etapa do périplo.

A viagem foi longa e já chegámos às oito e meia. Depois de arrumarmos os pertences no quarto, descemos para jantar. Como já era tradição, comemos *paella*, a que se seguiram filetes de bacalhau com cebola e pimentos morrones fritos às tiras. À sobremesa comemos peras. Fomos depois até à catedral, ao centro da cidade e à estação dos caminhos-de-ferro. A cidade estava morta, uma vez que já haviam terminado as festas em honra da *Virgem Branca – La Virgen Blanca*, este ano no dia 5 de Agosto, precisamente há uma semana atrás. Deixámo-nos estar na *Plaza de la Virgen Blanca* e, na esplanada do *El Victoria Café*, saboreámos uma *coca-cola light*. Depois do imprescindível banho do fim de dia, ainda houve tempo para *dois dedos de conversa* e uma chávena de café com leite e uma mão cheia de bolachas integrais.

12 de Agosto, Domingo

Era o último dia do circuito e, talvez por isso, tomámos um pequeno-almoço reforçado que incluiu café com leite, dois pequenos pães integrais e dois pequenos cacetes, por sinal bem estaladiços, com manteiga e fiambre de aves, a que se seguiu um iogurte de morango. Seguimos depois rumo à raia e à *santa terrinha!*... Por volta das dez, na região de *Palencia – Palência*, comunidade autónoma de *Castilla y León*, tomámos um café *cortado* – com um dedalzinho de leite e aproveitámos para desentorpecer as pernas e as mentes. Estas últimas por via da eminente perspectiva de retorno às rotinas e do quase fim de férias.

O almoço foi em *Salamanca*, no já nosso conhecido *Café Novelty*, na *Plaza Mayor*, onde comemos uma salada mista com atum, tomate, alface, cenoura, ovo cozido, rebentos de soja, azeitonas verdes e espargos, que acompanhámos com um sumo de laranja natural. Demos um passeio pela zona pedonal, por entre as lojas e as esplanadas dos restaurantes onde muita gente almoçava e fomos em busca de *t-shirts* divertidas. Para fim de festa, regressámos à *Plaza Mayor* para um monumental gelado de quatro bolas, duas de chocolate e duas de menta. Seguimos depois para a fronteira. Antes, no supermercado *La Pedresina*, comprámos o nosso jantar para esse dia, uma vez que só íamos chegar a *Lisboa* já bem tarde. Optámos por um grande pão cacete, fiambre, queijo, iogurtes *tutti frutti* e sumo de ananás. Antes de partir, ainda deu tempo para um café *cortado*. Seguimos depois rumo a *Coimbra*, onde o grupo iria separar-se. Os de *Lisboa* seguiriam de *transfer* e os do *Porto* seguiriam no autocarro. Neste entretanto, ainda deu para um café e uma ida à casa de banho antes de rumar à capital. Contudo, como mandam as regras dos transportes, ainda houve uma última paragem na área de serviço de *Leiria*.

Chegámos a *Lisboa*, à zona do *Areeiro*, por volta das nove da noite. Apanhámos um táxi até ao hotel, situado no coração dos *Restauradores*. Depois de um relaxante e retemperador banho, jantámos os víveres que havíamos comprado na fronteira. Sandes de queijo e fiambre, sumo de ananás e dois iogurtes com *macedonia* (salada) de frutas. Mas o final da noite não foi isento de sobressaltos e percalços. Nada mais, nada menos, do que uma mala com o segredo da fechadura bloqueado, sem qualquer memória do código que permitia a sua abertura. Que fazer? Duas opções se nos apresentavam: estroncar o fecho, ou, com um golpe de muita, mesmo muita sorte, descobrir o misterioso e malfadado código de abertura. A primeira opção, apesar de algumas tentativas nesse sentido, foi abandonada por duas razões. Primeiro, era uma missão quase impossível por via da excelente qualidade da mala e respectiva fechadura, que estoicamente resistiu a todas as tentativas de arrombamento. Quanto à segunda, só mesmo um milagre a poderia concretizar, mas, quem sabe? Que eles existem, existem!...

Face a este cenário, uma alternativa se nos afigurou possível. No dia seguinte uma amiga vinha ao nosso encontro, e, deste modo, ligámos para casa para que nos fosse remetida alguma roupa e produtos de higiene pessoal. Contudo, ainda tínhamos uma noite e uma manhã pela frente. Assim sendo, deslocámo-nos a uma *loja de conveniência* em busca de, pelo menos, os tais bens de primeira necessidade, entenda-se, produtos de higiene pessoal. Um desodorizante ainda foi possível comprar, mas, pasme-se, na dita *loja de conveniência* – pouca conveniência, neste caso – nem sequer havia pasta dentífrica, ou, sequer, uma escova de dentes!... Regressados ao hotel, e em busca do tal *milagre*, demos largas à paciência e fomos ensaiando possíveis combinações de segredos para abertura da mala. E não é

que fomos bem sucedidos? Como que por artes mágicas, ao fim de uma boa meia dúzia de tentativas falhadas, eis que o fecho se abre com estrondo. Acredite-se, ou não, ainda que involuntariamente, foi descoberto o secreto segredo. Como? Ainda hoje estamos para saber!... Perante o ocorrido, nada mais nos restava do que voltar telefonar para casa, desta feita para cancelar o pedido que havíamos feito um par de horas antes. Em fim de dia, e depois de tão fortes emoções, só nos restava descansar, e nada melhor do que uma boa noite de sono em tão confortável hotel como aquele onde nos encontrávamos.

13 de Agosto, Segunda-feira

Se o hotel era fantástico, o que dizer do cenário do pequeno-almoço que se nos representava pela frente? Sumos, diversos tipos de pães, compotas, manteigas com e sem sal, mel, rosbife, salmão fumado, queijos frescos e curados e diversos tipos de frutas, salada de fruta e diversos iogurtes. Optámos por melão, papaia, ananás, melancia e laranja, a que se seguiu um iogurte de morango e diversos tipos de pão com manteiga, queijo e fiambre. Saímos depois rumo à *Estação do Oriente*, em busca da amiga que vinha ao nosso encontro. Caminhámos até à estação de metro da *Baixa Chiado* onde apanhámos a linha verde e seguimos até ao *Oriente*, onde chegámos depois de termos passado pelo *Rossio*, *Martim Moniz*, *Intendente*, *Anjos*, *Arroios* e *Alameda*, onde nos transferimos para a linha vermelha. Seguiu-se *Olaias*, *Bela Vista*, *Chelas*, *Olivais*, *Cabo Ruivo* e, finalmente, *Oriente*. Fizemos depois o caminho inverso, para que a nossa nova companheira deixasse os seus pertences no hotel. Como entretanto já iam sendo horas de almoço, e pretendíamos fazer uma refeição *naturista*, demos um pequeno passeio pelas redondezas até que entrámos no *Celeiro do Chiado*. Escolhemos *soufflé* de bacalhau, que vinha acompanhado com cenoura ralada, beterraba avinagrada e rebentos de soja e bebemos uma água fresca. Fomos depois até à *Mãe-d'água das Amoreiras*, para visitar o museu que ainda não conhecíamos. Apanhámos o metro na *Baixa-Chiado* e saímos no *Rato*. Dali caminhámos até à *Praça das Amoreiras*, onde está o *Reservatório da Mãe d'Água*, parte integrante do *Aqueduto das Águas Livres*. Ficámos a saber que foi construído em 1834 e foi projectado para receber e posteriormente canalizar as águas trazidas pelo aqueduto. Mesmo ao lado fica a *Capela de Nossa Senhora de Monserrate*, que não vimos por se encontrar encerrada, a que se seguem os últimos arcos do aqueduto. Uma vez lá dentro, apreciámos e tentámos manipular o enorme volante da válvula de saída da água, datado do século XIX, para depois nos demorarmos na enorme *Arca de Água*, nome dado ao reservatório com sete metros de profundidade, cuja capacidade ultrapassa os cinco mil metros cúbicos. Por ela nos passeámos sobre uma espécie de plataforma de madeira flutuante e oscilante, que nos dava acesso a uma exposição de pintura temporária que lá estava patente. À frente surge-nos uma cascata, por onde a água escorre pelas paredes de pedras. Subimos depois por uma estreita e claustrofóbica escadaria rumo ao terraço, de onde desfrutámos uma magnífica vista de *Lisboa*.

Finda tão interessante visita, desviámo-nos meia dúzia de metros para chegar à *Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva*, instalada na antiga *Real Fábrica dos tecidos de Seda*, um edifício do século XVIII restaurado e adaptado, que visitámos demoradamente e onde apreciámos os vários trabalhos deste profícuo casal de artistas, ela portuguesa e ele húngaro, cujas vidas se cruzaram em *Paris* e apenas a incontornável morte separou. Como não era longe, ainda demos um pulo à *Casa de Fernando Pessoa*, sita ao nº 16 da Rua Coelho da Rocha, onde pudemos apreciar, entre outras divisões, o quarto do escritor. Dali descemos até à *Estrela*, passámos depois pela *Assembleia da República*, pela *Rua de S. Bento*, a que se seguiu a *Rua do Poço do Negros*, a *Calçada do Combro* e, já no *Bairro Alto*, o *Largo de Camões*. Como o corpo já pedia descanso, sentámo-nos na *Bénard* e bebemos uma água fresca. Antes de regressarmos ao hotel, ainda demos uma passeata pela *FNAC do Chiado*.

Depois de um retemperador banho, saímos para jantar. Escolhemos o restaurante *Ena Pai*, por trás da *Praça da Figueira*, cujo cardápio nos fez salivar. Comemos uma espetada de lulas com gambas, chouriço e pimento, que acompanhámos com uma salada de alface e tomate e batatas fritas às rodelas. Fomos depois até ao *Bairro Alto*, passear por entre os bares e restaurantes apinhados de turistas, maioritariamente espanhóis e italianos. Na *Adega do Mesquita*, uma louraça fadista, bem provida de

carnes, berrava a plenos pulmões, sem necessidade de qualquer microfone, ladeada por dois guitarristas. A casa estava cheia, quer no interior quer no exterior, onde dezenas de mirones se acotovelavam para apreciar os dotes canoros da artista. Dali subimos até ao *Largo do Carmo*, e, calmamente, deixámo-nos estar sentados num dos bancos mesmo em frente às ruínas da *Igreja do Carmo*, apreciando um casal de estrangeiros que, com nacos de fiambre, tentavam aliciar um pequeno gato que, certamente amedrontado, se havia refugiado debaixo de uma das muitas viaturas por ali estacionadas. Como já iam sendo horas, recolhemos ao hotel. Antes de dormir, lá tomámos o nosso *cappuccino* e comemos dois tipos de bolachas, umas de mel, laranja e pepitas de chocolate e outras digestivas cobertas de chocolate branco.

14 de Agosto, Terça-feira

Após o pequeno-almoço, do qual fez parte fruta, iogurte, café com leite e pão com manteiga, foi-nos dado ver uma cena deveras caricata. Quando nos aprestávamos a sair, e quando dávamos uma furtiva espreitadela pela janela para *tomarmos o pulso* ao tempo que fazia, eis que, da janela do quarto vizinho, assoma um imberbe moçoilo que fumava furtivamente aquilo que se convencionou chamar de *charro*. A medo, ia dando largas passas num pequeno invólucro de papel, que depois apagou e escondeu numa reentrância do parapeito da janela. Para começar, o dia prometia!... Fomos depois descendo o *Rossio*, a *Rua Augusta*, a *Praça do Comércio*, onde virámos à direita, para depois, pela *Rua do Arsenal*, passarmos em frente à *Câmara Municipal* e, pouco depois, estarmos a entrar no *Cais do Sodré* para rumarmos a *Belém*. Uma vez chegados, de imediato nos dirigimos à *Rua de Belém*, para, na *Antiga Confeitaria de Belém*, tomarmos um café e comermos um sempre imperdível *pastel de Belém*. Fomos depois até ao *Centro Cultural de Belém* para visitarmos o *Museu Colecção Berardo*, que visitámos demoradamente durante perto de duas horas e meia. Já havíamos visto parte desta colecção no ano transacto, quando se encontrava no *Museu de Arte Contemporânea de Sintra*. A colecção estava agora substancialmente melhorada e ampliada. Cá fora, uma ciclópica reprodução da obra de *Marcel Duchamp Porte-Bouteilles* dá-nos as boas-vindas e parece dizer-nos que, lá dentro, muito mais há para nos surpreender. À entrada, a cada visitante é dado um desdobrável com a planta do local e somos aconselhados por onde deveremos iniciar a visita, para apreciar tantas e tantas magníficas obras, de escultura, pintura e fotografia, de outros tantos e tantos magníficos artistas. Podemos referir, por exemplo: *Paysage champêtre en quinze tons*, de *Martial Raysse*, *Femme dans un fauteuil (Métamorphose)*, de *Pablo Picasso*, *Porte-bouteilles*, um magnífico trabalho em ferro galvanizado de *Marcel Duchamp*, *Coquilles Fleurs*, de *Max Ernst*, *Ten-foot Flowers*, de *Andy Warhol*, *The Barn*, de *Paula Rego*, *Oedipus and the Sphinx After Ingres*, de *Francis Bacon*, ou, ainda, um admirável trabalho fotográfico de *Cindy Sherman*, denominado *Untitled (Vivienne Westwood)*.

Como já saímos à hora do almoço, ali mesmo, na *Rua de Belém* agradou-nos o propagandeado serviço do restaurante *Sagitário*. Assim sendo, na esplanada do dito, devidamente acobertados do tórrido sol por dois magníficos chapéus-de-sol, comemos bifeinho de novilho no churrasco e pastéis de bacalhau com arroz de feijão. Subimos depois a rua e virámos à esquerda para a *Calçada da Ajuda*. Íamos agora visitar o *Palácio Nacional da Ajuda*, onde nunca havíamos estado. Não havia visitas guiadas, mas, sorte a nossa, às três da tarde um vigilante do palácio abria e fechava as portas dos locais a visitar e acompanhava os visitantes, naturalmente como medida de precaução e simultaneamente vigilância. Aqui vimos, por exemplo, a *Sala do Despacho*, a *Sala da Música*, o *Jardim de Inverno* ou a *Sala de Saxe*, oferta do rei da *Saxónia* à rainha *D. Maria Pia*, onde todas as peças de mobiliário estão ornadas com porcelana de *Meissen*. Também o *Quarto da Rainha*, a *Casa de Jantar da Rainha*, o *Atelier de Pintura*, a *Sala Chinesa* e as casas de banho com água quente e fria. Para já não falar na fantástica e imponente *Sala do Trono* e a *Sala de Banquetes* que, pasme-se, ainda hoje é usada para lautas refeições de estado, quando, por exemplo, alto dignitários estrangeiros nos visitam. Possui candelabros de cristal e cadeiras forradas de seda. As faustosas salas do palácio estão decoradas com papel de seda, porcelanas de *Sèvres* e grandiosos candelabros de cristal. Aqui ficámos a saber, por

exemplo, que a cabeleireira da rainha era *mirolha* e tinha um olho de vidro, de seu nome *Iria da Conceição*. Por via deste seu defeito ocular, dizia o rei que os penteados *ficavam todos tortos...* Também *nos foram apresentadas* as costureiras de sua majestade, *Madame Le Bom* e *Madame Anne Neveille!*...

Depois da visita, passámos da *Calçada da Ajuda* para a *Calçada do Galvão*, que fomos descendo até encontrar a *Igreja da Memória* como é conhecida a *Igreja de Nossa Senhora do Livramento e de S. José*, onde sabíamos estarem depositados os restos mortais de *Sebastião José de Carvalho e Melo*, para a posteridade conhecido como o *Marquês de Pombal*. Esta pequena igreja, construída em 1760, cujo nome indicia algo, foi mandada construir em memória do atentado falhado de que *D. José* fora vítima em 3 de Setembro de 1758. Ao que se diz, foi perpetrado pelos *Távora*, figadais inimigos do rei. Ao que parece, o monarca ter-se-á *tomado de amores* por uma dama desta nobre família, casada, como convém, e viria de um encontro amoroso quando foi baleado. Com tão forte argumento, a família foi perseguida e cruelmente dizimada. Não muito longe, as suas mortes são recordadas por um pilar, à imagem e semelhança de um pelourinho, no minúsculo *Beco do Chão Salgado*, transversal à *Rua de Belém*.

Apanhámos o comboio de volta a *Lisboa* e, uma vez no *Cais do Sodré*, fomos subindo pelo *Campo das Cebolas*, *Terreiro do Paço*, *Rua Augusta* e *Rossio*. Como ainda era cedo, sentámo-nos na esplanada do *Nicola* e fomos sorvendo um fresco sumo de laranja natural enquanto apreciávamos os transeuntes que, em fim de dia, caminhavam em passo sincopado. Fomos depois até ao hotel, onde tomámos um banho e descansámos um pouco o esqueleto, uma vez que o dia fora longo e bem preenchido. Saímos depois para ir jantar aos *Tibetanos*. Descemos a *Avenida da Liberdade* e virámos à esquerda para a *Rua do Salitre*. Azar dos azares, estava fechado para férias. Rapidamente decidimos ir jantar ao *Bairro Alto*. Subimos a *Avenida da Liberdade*, depois a *Rua do Carmo* e o *Largo de Camões*. Decidimo-nos pela *Velha Gruta*, onde escolhemos da ementa um *emancé de frango com caju*. Mais não era do que pedaços de peito de frango cozinhados num molho branco, que levava leite de coco e tinha pedaços de castanha de caju, cenoura e curgete grosseiramente ralada e onde espreitava um montículo de puré de cenoura. Antes, comemos fatias de pão em cacete com azeitonas pretas e verdes com recheio de pimento. Bebemos água fresca e, para sobremesa, uma vez que a barriga estava atulhada, partilhámos um *crème brûlée com gengibre*. Saímos depois para o *Chiado* e, como a *FNAC* já estava fechada, descemos a *Rua do Ouro* até ao *Terreiro do Paço*. Virámos depois à esquerda, rumo à *Casa dos Bicos*. Descemos a *Rua dos Bacalhoeiros* e metemos pela *Rua dos Fanqueiros* até à *Praça da Figueira*, que atravessámos calmamente. Na esplanada do café do *Teatro Nacional D. Maria II*, bebemos uma *coca-cola zero*. Não sendo tarde, o corpo dava já sinais de algum cansaço. Atravessámos a rua e fomos para o hotel, para a última noite de descanso na capital.

15 de Agosto, Quarta-feira

As malas já estavam arrumadas e descemos para o último pequeno-almoço no magnífico hotel que nos acolhera nos últimos dias. Escolhemos pequenos pães rectangulares e brioques, que comemos com manteiga enquanto sorvíamos pequenos golos de café com leite. Apanhámos depois um táxi até à estação do *Oriente*, onde íamos apanhar o comboio que nos traria de volta a casa. Deixámos as malas nos cacifos para o efeito, e, por volta das onze da manhã, estávamos a tomar café na esplanada com vista para o *Teleférico* e para a *Ponte Vasco da Gama*. Como o trem partia à uma e trinta e sete, resolvemos almoçar por volta do meio-dia e pouco. No *Pans & Companhia* escolhemos uma sanduíche *Alsaciana*, em pão chapata com frango grelhado, pimentos e cebolas e bebemos uma garrafa de água fresca. Embarcámos à hora marcada e dissemos adeus à capital da *Lusitânia* que, uma vez mais, não nos desiludiu e proporcionou uns dias bem passados. Por volta das três da tarde, fomos ao bar e tomámos um café que acompanhámos com um *bolo da noiva*, pequeno doce em forma de ferradura (?), vai-se lá saber porquê, com um agradável sabor a erva-doce. Para melhor passar o tempo, comprámos um exemplar da revista *Flash*, para que nos inteirássemos das últimas fofocas e mexericos do pretense

e pseudo *jet set doméstico*. Depois da estação de *Alfarelos*, entra pelo comboio uma bem nutrida vendedora de *pastéis de Tentúgal*, artilhada com uma bem recheada cesta de verga. A venda foi pouca, para não dizer nenhuma, e depressa desapareceu da nossa vista, não sem antes se ter sentado à nossa frente, ainda que por breves instantes, arfante e resfolegante...

Chegámos à estação de *Cubos*, às portas de *Mangualde*, por volta das seis menos dez, para menos de meia hora depois estarmos em casa a desfazer as malas e a preparar-nos psicologicamente para mais um regresso ao trabalho.

Desta feita o périplo fora menor. Todavia, uma vez mais, com muita garra e imaginação, nos foram proporcionadas umas férias em grande, longe das mentes lusas. Para o ano há mais, assim esperamos e desejamos, para novas descobertas e aventuras, culturais e gastronómicas, ou, simplesmente, para arejar as almas e os intelectos...